O CASTELLO DA FEIRA

D. Fernando de Tavares e Tavora

O MUNDO DO LIVRO
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 36 99 51
LISBOA

D. Fernando de Tavares e Tavora

O CASTELLO DA FEIRA

Sua descripção, sua historia e noticia sobre os Condes da Feira

PROPRIETARIO E EDITOR, O AUCTOR

MCMXVII

PORTO

Officinas de O Commercio do Porto

108—Rua do «Commercio do Porto»—112

O producto da venda d'este opusculo reverte a favor da Commissão para a guarda e conservação do Castello da Feira. □ □ □ □ □ □ □

D'elle se tiraram 1:000 exemplares, dos quaes 35 em papel superior, numerados e assignados pelo auctor.

D. Fernando
de
QUAS CUNQUE FINDIT
H. GRIS & Cie
Oº GARCIA
- ex-libris -

ILLA DA FEIRA: DO CONVENTO AO CASTELLO

Destina-se este opusculo a servir de guia e esclarecimento áquelles que, em veneração pelo passado, quizerem fazer a romaria ao Castello da Feira.

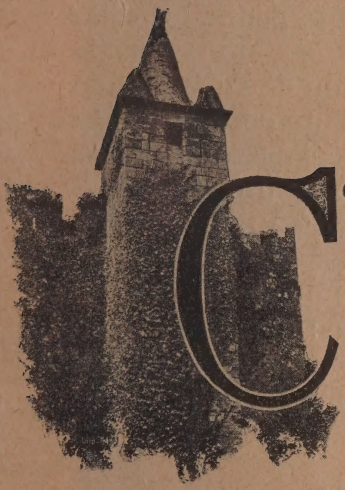
E' elle o resumo de um trabalho pacientissimo e demorado, que se publicará quando se julgar razoavelmente perfeito. Para então ficará a indicação dos documentos que serviram para urdi-lo e que lhe abonarão a auctoridade, se alguma vier a ter.

E como ao visitante não só interessará lêr aqui uma descripção succinta do monumento, como tambem conhecer-lhe a historia e notas biographicas dos seus mais afamados donatarios, os Condes da Feira, assim este despretencioso trabalho constará de tres partes: descripção do Castello, menção dos pontos principaes da sua historia e breve noticia dos Condes da Feira.

PARTE I

I

Descripção do Castello



COMPÕE-SE o Castello da Feira da sua torre de menagem com cêrca propria, toda muralhada, e de varias dependencias.

O accesso ao edificio só póde ter logar, presentemente, pela chamada «Porta da Villa», que olha ao Poente, porque tendo o Estado, em 1834, alienado com a mais censuravel indifferença e a preço vil, alguns dos edificios annexos e as terras que o rodeiam, sem exceptuar, pelo menos, uma faixa de terreno em volta do venerando monumento, não se póde, pela parte de fóra, chegar ás outras portas, nem examinar algumas setteiras, que se acham totalmente soter-

radas por aterros feitos mais ou menos modernamente.

Barbacã

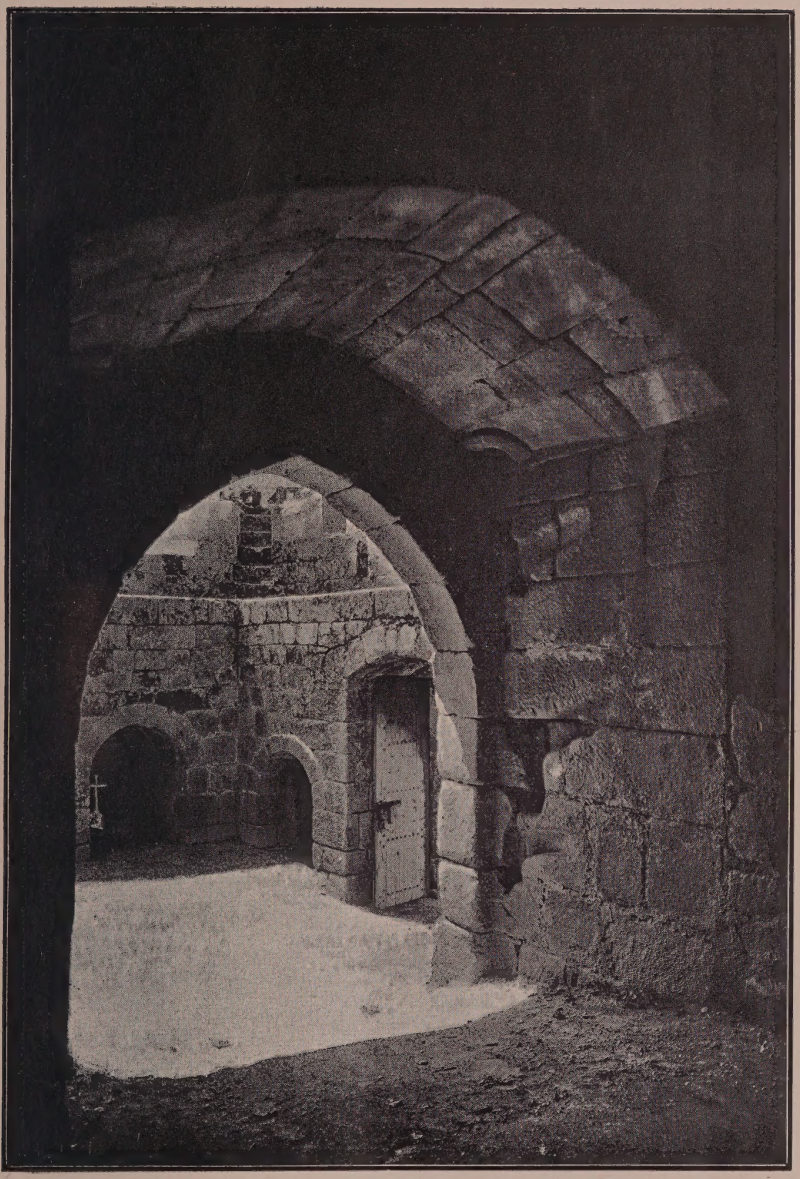
A chamada «Porta da Villa», a primeira que o visitante transpõe, é de facto a porta da «Barbacã». Sobre a sua ogiva ha a notar um escudo em granito sobrepujado por um coronel, escudo em que se ostenta a cruz floreteada dos Pereiras, a cuja nobre estirpe pertenciam os Condes da Feira, donatarios do Castello desde os tempos de El-rei D. Affonso V até aos de El-rei D. Pedro II (1448 a 1700).

Em frente d'esta «Porta da Villa» e dentro do recinto vê-se uma interessante pedra de armas do seculo XVI em calcareo branco, alli collocada ultimamente, pedra de Ançã ou de Outil, tendo esculpido o brazão, singularmente desenhado, da mesma nobre familia sendo que sobre o escudo se vê um elmo em logar do coronel que encima o primeiro escudo, o da «Porta da Villa», já referido.

Antiga fractura da pedra impede que se veja completo o timbre dos Pereiras: uma cruz como a do escudo entre dois cotos de azas de anjo; em compensação póde lêr-se claramente na parte inferior a seguinte legenda:

O QVOARTO CÕDE DA FR.ª
DÕ DI.º FROIAZ P.RA MÃDOV FA
ZER ESTA E O RELOGIO DA
QVELA TORE NA ERA DE 1567

A «Barbacã» é constituida por espessa muralha formando angulo, que é reforçado por um cubello tambem muralhado e setteirado. Uma es-



Trecho da «Barbacã» photographado da «poterna»

cada de ferro ahi posta ultimamente, facilita o accesso ao adarve que é guarnecido de merlões, alguns dos quaes setteirados em fenda vazada para o interior, apresentando outras perfurações circulares, fusileiras, destinadas a armas de fogo.

Na base da muralha ha quatro grandes nichos providos de setteiras cruciformes ou besteiras, que terminam inferiormente por um largo buraco circular, troneira, destinado ao disparo de trons, falconetes ou colubrinas, armas de fogo da artilharia medieval que entre nós se começou a usar desde o seculo XIV (batalha de Aljubarrota em 1385).

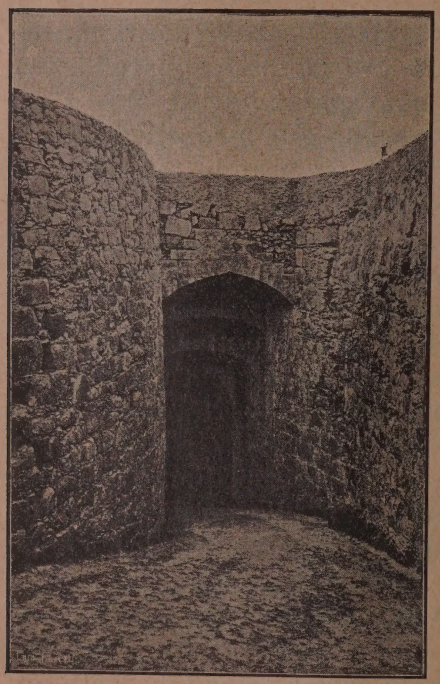
A quem compara o bem acabado d'esta muralha da «Barbacã» com o mais tôsco apparelho das pedras da muralha contígua, onde se abre a segunda porta, affigura-se-lhe que a construcção da «Barbacã» é posterior á da grande muralha da cêrca; e parece que assim é. Suppõe-se por isto que a pedra de armas em calcareo teria estado primitivamente no vão que se nota sobre a «Porta da Villa» que dá ingresso á «Barbacã», indicando que esta é obra do 4.º Conde (1552 a 1579), bem como o relogio que teria estado em um dos cubellos da torre de menagem, o do Noroéste que é o unico que poderia vêr o leitor da legenda atraz copiada, sem nenhuma ou com pequena deslocação. Em um dos quatro cubellos, e parece indubitavel que n'este de que agora tratamos, se encontrava ainda em 1758 um campanario ameaçando ruina, cujo sino teria servido talvez para dar as horas.

Mas se a pedra de armas esteve de facto no vão sobre a «Porta da Villa», certamente só poderia ser assim antes de ahi estar o brazão de granito que lá vêmos agora, o qual, em verdade, bem

parece ter sido collocado posteriormente á construcção da «Barbacã». Isto se conclue observando attentamente, pelo lado posterior da porta, a fórma como foi cravado o espigão de pedra que segura o escudo. Bem se explica a mudança pelo desejo de substituir o elmo de cavalleiro pela corôa indicativa do titulo.

Poterna e cêrca

Do recinto da «Barbacã» passa-se pela porta em ogiva, á esquerda, para uma estrada coberta e ingreme chamada *poterna*, que, formando uma pronunciada curva para a direita, quasi um semicirculo, conduz o visitante ao pateo, cêrca ou praça de armas.



Poterna vista do lado do pateo

E' interessante a elevada abobada em degraus ogivaes á sahida d'este caminho para o pateo, a qual, vista do lado d'este, dá a impressão de uma construcção mauresca.

Quem entra no pateo depara logo: na sua frente, com a severa e magestosa torre de menagem; ao lado di-

reito, com a muralha do Poente; e ao esquerdo, com a arcaria do paço ou alcaçar dos Condes, obra de D. Fernando Forjaz, 8.º e ultimo Conde da sua linha (1660 a 1700).

A muralha do Poente tem seu adarve e merlões setteirados no alto, e na base seus nichos refundados na espessura da fortificação com bésteiras cruciformes já de outra especie, vasadas ao invés das anteriores.

Paço ou alcaçar dos Condes

O paço dos Condes seria uma edificação quasi mesquinha se a arcaria mencionada, feita de granito com abobada de tijolo, lhe não emprestasse um certo aspecto de grandeza. Esta lhe quiz dar decerto o conde D. Fernando quando a mandou fazer, sendo bem visivelmente obra de apposição, construida sem garantias de segurança e apenas encostada ao edificio antigo que, pelo menos em parte, parece datar dos tempos de Ruy Pereira, 1.º Conde da Feira, que n'elle teria habitado na segunda metade do seculo XV.

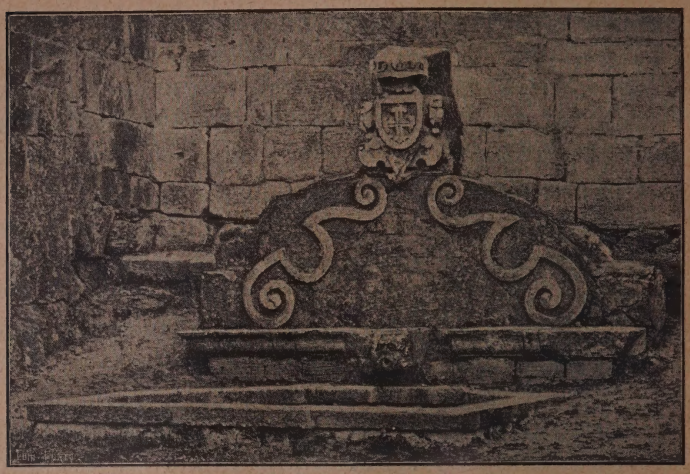
Apesar de construcção relativamante recente, a arcaria e galeria que sobre ella está, encontram-se em estado bem alarmante de ruina.

Por arrematação feita após a extincção da Casa do Infantado, em 1839, passou o Paço dos Condes a ser propriedade particular, pertencendo por doação, desde 1913, ao Municipio da Feira com destino a Quartel da Guarda Nacional, projecto este ultimamente abandonado por inconveniente.

Fonte brazonada

N'este pateo ha ainda a notar a fonte brazo-

nada com o escudo coroado dos Pereiras, outr'ora azulejada, cuja agua, por habitual e comprehen-



Fonte brazonada

sivel desleixo de quem devia superintender no assumpto, desappareceu ha muito.

Tumulos

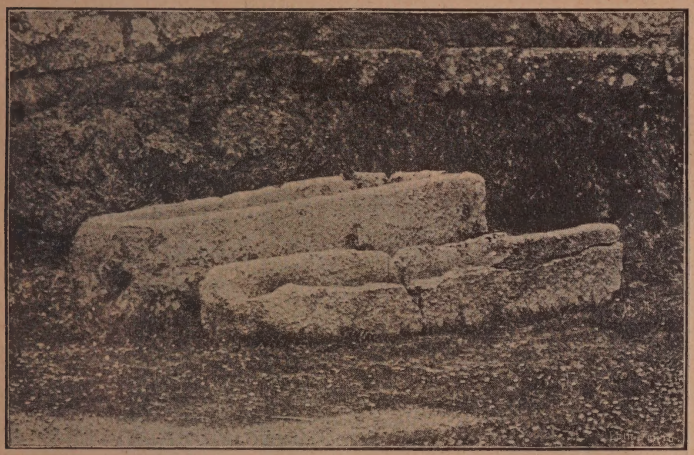
Ao lado esquerdo d'esta fonte encontram-se dois tumulos de granito, um dos quaes já existia ahi não se sabe desde quando e tem este em um dos tôpos, esculpida e muito delida, uma folha espalmada de figueira, ou coisa parecida e no outro uma estrella de cinco pontas.

O outro tumulo, fragmentado, collocou-se junto do primeiro quando, ha pouco, appareceu n'um desaterro feito para reconstruir a muralha do Nascente, nas trazeiras do Paço dos Condes.

A' esquerda de quem olha para os tumulos existe a vasta escada de granito que dava accesso

á entrada do alcaçar cujo portico tem um nobre aspecto, ostentando no alto e como em suspensão o mais completo brazão dos Pereiras de entre todos os que no Castello se encontram, pois é o unico que sobre o coronel apresenta o timbre de familia já referido.

Ao lado e frente do portico, muralhas amea-



Tumulos

das e setteiradas em cruz, obra que se verifica ser de apposição, vedam o pateo por este lado.

N'este pateo ainda ha poucos annos existia um casarão terreo com janellas gradeadas que era o celleiro, fronteiro á arcaria do alcaçar e encostado á muralha do Poente. Esta hedionda construcção que era, como o paço, propriedade particular, foi, por grande fortuna, arrazada.

Sentinas

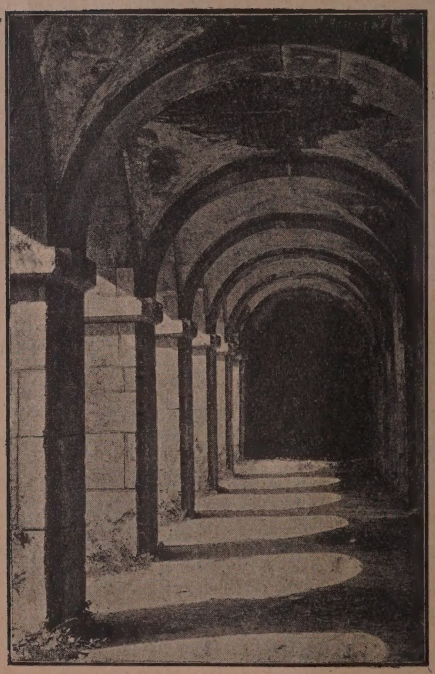
Subindo a escada que fica á direita de quem olha para a Fonte, e chegando ao nivel do adarve, além da primeira porta que por agora passa-

mos adeante, encontra-se logo outra, actualmente vedada com porta de rêde onde são as sentinas, curiosa construcção toda de granito, em fórma de cubello, edificada sobre cachorros.

Logo a seguir, para o Norte, alguns degraus dão accesso a um outro pequeno cubello eminente, d'onde, olhando á direita, se disfructa um gracioso conjuncto de muralhas.

Terrapleno do norte e galeria do Paço dos Condes

Percorrendo todo o adarve, que é ameado por largos merlões fendidos, depara-se com o terrapleno do Norte que fica sobre a poterna e é provido de parapeito para o lado do pateo, ligando em nivel com o eirado de um mais avantajado cubello, tambem parapeitado, que domina de grande altura a «Barbacã» e a esplanada. Vê-se d'este terrapleno o telhado, em pyramide hexagonal, da capella edificada fóra da fortificação; e d'elle póde passar-se, subindo a uma varanda ou patamar de granito,



Arcaria do Paço dos Condes

para a galeria, atraz mencionada, do Paço dos Condes, outr'ora ornamentada por quadros a oleo, a qual é fartamente illuminada pelas suas nove janellas de saccada em frente e mais duas nos topos, sendo a do Norte graciosissima pela sua col locação e pela vista que n'ella se enquadra.

O pavimento de tijolo da galeria acha-se muito arruinado, bem como toda a construcção, que desaprumou pelo defeito de origem já referido.

Terrapleno do Sul

Voltando atraz, isto é, percorrendo novamente o adarve do Poente em sentido inverso e transpondo a estreita porta servida por dois degraus, ao lado esquerdo das sentinas, passa-se á casamata e terrapleno do Sul.

Ao transpôr esta porta, que é sobrepujada pelo lado de lá por um estreito adarve, ao qual se applicou recentemente uma escada de ferro para facilitar o accesso ao terraço do cubello setteirado onde se encontram as sentinas, passa-se a uma estreita faixa de terreno limitado á esquerda pela torre de menagem e á direita pelo prolongamento da muralha do Poente, que ha muito tempo se tinha quasi totalmente desmoronado, sendo esta parte reconstruida ultimamente.

Quem reparar para esta face da torre de menagem voltada ao Poente, não deixa de notar que a parte inferior é construida de alvenaria miuda e irregular que em alguns pontos alcança a linha média de toda a parede, apparecendo só nas partes peripherica e superiores a construcção em grande apparelho, isto é, em fiadas regulares de cubos de esquadria. Mais além voltaremos a este ponto

quando tratarmos da época da fundação do Castello.

Ha ainda a notar n'esta face, provida de uma unica janella, um sulco ou rebaixe horisontal em toda a sua extensão, prolongando-se obliquamente e para baixo na parte saliente do cubello do Sudoéste que dá bem a perceber a existencia de um antigo e desapparecido alpendre ou cobêrto, n'esta parte da fortificação.

Casamata

No sólo encontra-se uma abertura, hoje defendida por um corrimão de ferro, que é a entrada da casamata, tambem chamada capoeira pelos profissionaes da architectura militar.

Esta curiosa dependencia subterranea, ainda ha pouco totalmente escura por se acharem obstruidas por aterro feito pelo proprietario confinante as variadas setteiras que ha no fundo, é hoje illuminada mercê das obras de desentulho que em volta d'ella ultimamente se fizeram.

Entrando na rampa suave que mergulha no sólo, encontra-se em breve uma volta ou cotovello para a esquerda, onde começam degraus altos e toscos recentemente regularisados, cortados no proprio sólo que é bastante duro.

Do lado direito foi collocado um corrimão de ferro zincado para facilitar a visita que sem elle seria penosa, maximé na escada, por excessivamente ingreme.

O vulgo chama impropriamente *cadeia dos mouros* a esta dependencia que era, ao que parece, pelas suas numerosas setteiras do extremo da cava, destinada á defeza da fortificação por este lado.

Terrapleno do Sul

Costeando a torre de menagem, depara-se com o terrapleno do Sul cuja muralha tinha já outro aspecto, com as suas besteiras cruciformes abertas em merlões de maior elevação, tendo ruido e desapparecido ha muito a maior parte d'esta cortina, que foi recentemente substituida por um paredão vulgar, razo com a terra, apenas para fixar o terreno em favor da estabilidade da edificação.

O terrapleno em que estamos tem por limite de um lado a face Sul da torre de menagem, face que tem uma unica janella e é provida nos seus cunhaes de dois cubellos macissos, dos quaes o do Poente, n'este anno de 1917, está sendo demolido para se reconstruir, pois ameaçava ruina. Na parte média existe outro menos espesso, tendo sido este certamente applicado á parede, sem ter com ella travamento de cantaria, como gigante de reforço, o que bem se averigua observando pela parte de lá, pois que a sua apposição tapou uma setteira já existente.

Voltando as costas á torre de menagem, verêmos em frente um fôsso profundo que não é mais do que o pateo da porta da traição, de que logo se fallará, bem como, além, um outro terrapleno irregular, anguloso e muralhado, que se chama tenalha e é o extremo Sul da fortificação.

Voltando atraz, pelo mesmo caminho, até ao pé da Fonte, póde agora entrar-se, pela porta principal na torre de menagem.

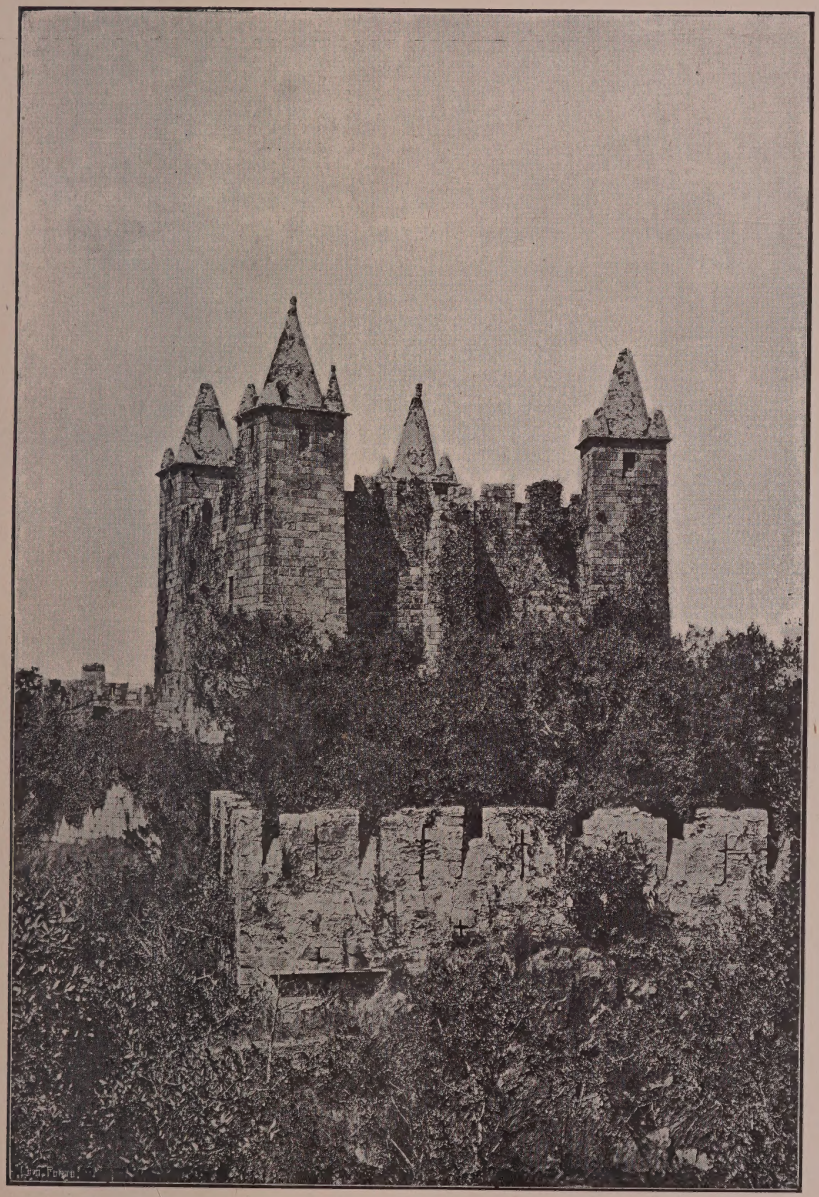
Torre de menagem

A larga porta aberta na espessura d'uma parede de $2^{m},60$, tem de notavel que a testa exterior é em arco regular de um só raio, ao passo que a interior é formada por uma padieira recta, deixando as duas entre si um largo vão abobadado e provido de um e outro lado de bancos de pedra, lembrando a entrada de um velho edificio romano. Do lado esquerdo d'este vão encontra-se resguardada em um nicho uma ara romana, achado notavel, cuja inscripção uma placa de ferro esmaltado explica. A ella se fará referencia na parte II.

Do lado direito existe uma lapide commemorativa da visita do rei, actualmente exilado, o Senhor D. Manoel II, ahi collocada á custa da subscripção publica aberta para as festas que então se fizeram, e por deliberação dos subscriptores.

Transposto o portal, encontra-se o visitante no interior da torre vasta quadra rectangular de grande altura, abobadada em ogiva e totalmente desguarnecida de madeiramentos.

Note-se que além da porta por onde entramos, ha para o exterior só mais uma outra bastante menor, que tem o nome technico de postigo e fica no angulo diametralmente opposto. Parece que esta foi anteriormente muito mais alta e larga, pois que, observando pela parte exterior se vê e seu contorno claramente inscripto em outro de maiores dimensões, nitidamente marcado por cantaria apparelhada.



Vista da torre de menagem tirada do lado do Sul

Cisterna interior e aqueducto

O pavimento da Torre de menagem apresenta de notavel, proximo ao postigo de que acabamos de fallar, uma abertura redonda, presentemente defendida por um alçapão de rêde que é a entrada para uma cisterna, toda ella de esquadria muito bem apparelhada.

A agua do eirado descia por uma canalisação que se vê no angulo interior do Sudéste (o mais proximo da bocca da cisterna) e entrava n'ella ao nivel do angulo correspondente, como se poderá verificar. Foi collocada n'esta cisterna uma escada para facilitar a visita. Na parte fronteira á porta principal ha uma abertura que mede $1^{m},15$ de altura por 1^{m} de largura, pela qual póde entrar-se para uma passagem de nivel inferior, aberta por baixo do terrapleno do Sul em que já estivemos. E' um aqueducto por onde vinha canalisada a agua para a fonte de que já se fallou. A sua abertura para o interior da torre que estava grosseiramente tapada a pedra e cal, mas em que se reconhece um primitivo rebaixe que indica applicação de porta, foi posta a descoberto ultimamente.

Na parede do Norte, que é a mesma em que se abre a porta principal, notam-se ainda os vestigios das baias da cavallariça.

Olhando em toda a volta da vasta quadra, facilmente se percebe que a torre era interiormente dividida em tres pavimentos: o terreo, o médio e o superior a que servia de tecto a abobada gothica que cobre todo o edificio no sentido Nascente-Poente. Esta divisão é claramente indica-

da pelos resaltos das paredes, cachorros e buracos rectangulares, uns e outros alinhados e regularmente distanciados. As poucas janellas existentes melhor marcam ainda a divisão mencionada.

Mas, pelo alinhamento de certos buracos menores a pouca altura do sólo, verifica-se que o pavimento terreo era, pelo menos do lado dos vestigios das baias e portanto sobre a cavallariça, tambem subdividido; uma setteira ao mesmo nivel dos buracos que olha para o pateo, dá tambem razão do facto.

A escada que dava accesso ao andar médio e que ainda hoje serve para subir ao eirado, encontra-se na espessura da parede do Nascente, a um lado do vão do postigo ou portal menor, que é em ogiva. Dirigindo-se o visitante a esse portal menor, notará no alto da sua testa interna tres buracos vazados para o interior, um, circular, ao meio e os dois lateraes em fenda vertical. Destinavam-se, parece, á defeza do postigo quando forçado pelos sitiantes. Penetrando no vão, logo o visitante encontra á esquerda a escada para o andar médio cuja entrada, em ogiva do terceiro periodo, é a unica que se encontra d'este genero em toda a construcção.

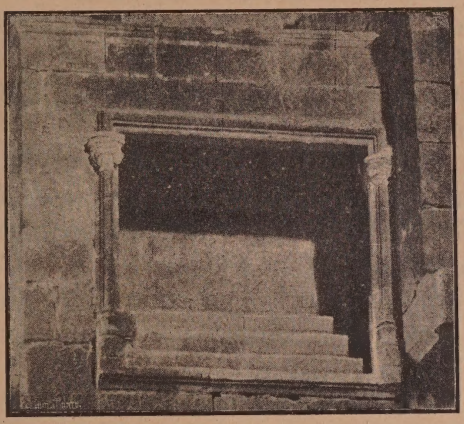
Andar médio e seus pormenores

Subindo a dita escada achar-nos-hemos no andar médio, no qual em vez do pavimento encontraremos apenas um passadiço para facilitar a visita ao eirado e a um fôrno ao canto do Noroeste.

N'este andar médio ha a notar primeiramente uma especie de oratorio ou altar que ainda hoje é objecto de conjecturas, posto que pareça

de facto, pela sua disposição interior em degraus e pelas suas columnas ligeiramente ornamentadas que fosse destinado a serviço religioso.

Ao lado direito d'este supposto altar, encontra-se a escada em espiral que conduzia ao ultimo andar abobadado. Esta escada é de uma esquisita construcção, por ter sido, ao que parece, annexada ou enxertada ahi posteriormente á construcção da parede e por tal corre um grande risco de despenhar-se. Está projectada a sua reparação. Do passadiço pódem observar-se nas partes superiores do angulo Sudéste e da parede do Nascente, restos de pintura em mosaico em dois typos diversos, cada um d'elles, certamente, para seu aposento.



Oratorio (?)

Ao meio da parede do Poente existe, reintrante, um largo fogão; outro semelhante, ornado de cornija, na parede do Norte; ainda outro simples na parede do Sul; e no angulo do Noroéste vê-se a entrada para um pequeno recinto em que existe um grande forno alojado na espessura do respectivo cubello e illuminado por uma fresta. N'este andar ha apenas quatro janellas: duas ao Nascente, uma ao Norte e outra ao Sul.

Olhando com attenção as paredes observam-se e de resto mais ou menos em toda a construc-

ção, grande numero de signaes gravados nas pedras, que se chamam siglas.

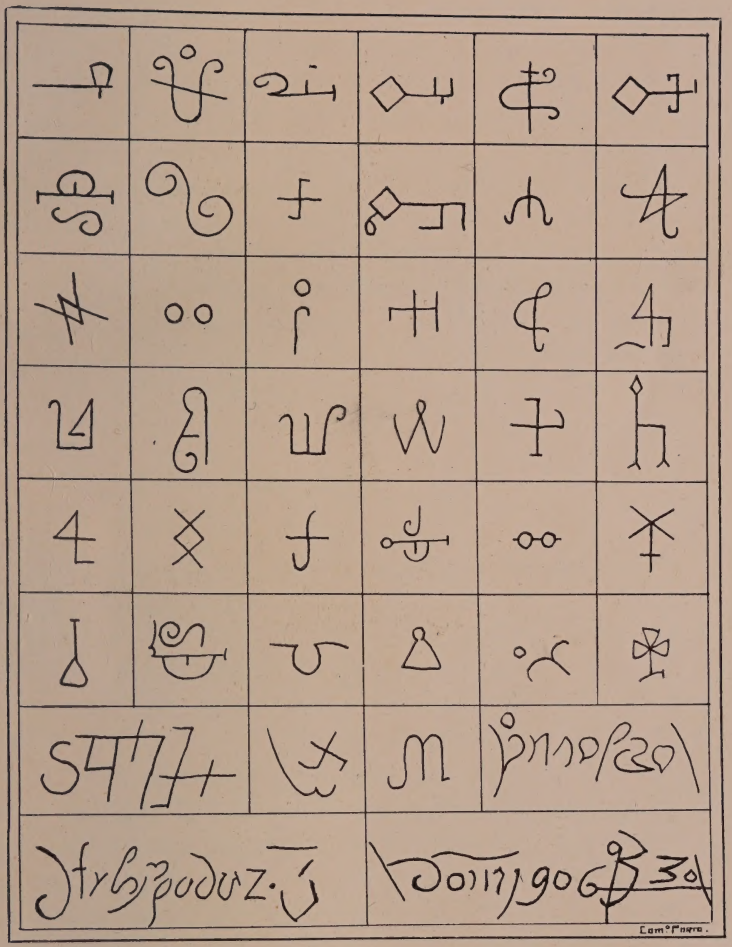
As siglas começaram a apparecer nas pedras dos edificios pelo seculo x, ao tempo da instituição das corporações de artes e officios; e sendo como são signaes individuaes usados pelos artifices, póde chegar-se á conclusão de que as edificações ou monumentos em que taes siglas se reproduzem, são obra do mesmo artifice e portanto coevos.

O Dr. José Julio Gonçalves Coelho diz tê-las encontrado iguaes nos *muros do Porto,* Escadas do Caminho Novo, na parte construida durante o reinado de D. Affonso v; e o Conselheiro Francisco de Paula Azeredo (Samodães) viu-as semelhantes nos castellos de Moncorvo e de Freixo de Espada-á-Cinta.

No andar superior ou abobadado rasgam-se tres janellas: uma a Nascente, outra a Poente e a terceira, de menores dimensões, no extremo direito da parede do Nascente. No extremo esquerdo da mesma parede existe um fogão singelo.

Eirado

O andaime ou passadiço em que nos achamos dá accesso á porta da escada em caracol, construida na expessura do cubello do Nordéste que conduz ao eirado, d'onde se póde contemplar um panorama deslumbrante pela extensão de terras que abrange até ao mar e encantador pelos pormenores da paizagem: a pittoresca villa com o seu agglomerado central, o Convento, a Praça e a sua casaria dispersa salpicando o verde dos campos; as estradas e caminhos que serpeiam



Siglas e caracteres
gravados nas pedras do Castello.

aqui e alli perdendo-se no macisso dos pinheiraes extensissimos; as ermidas, os campanarios e as quintas de vária extensão, tudo isto n'um leito de vegetação luxuriante e abundante de arvoredo em que predomina o verde carregado e sombrio do pinheiro silvestre o qual constitue a mais authentica riqueza silvicola do concelho que, fazendo excepção á maioria dos concelhos do paiz, não tem um palmo de terra desaproveitado.

O eirado é vasto e levemente abaulado para escoamento das aguas, todo muralhado em volta com largos merlões, setteiras em fenda e algumas troneiras ou fuzileiras.

Cubellos

Acima do eirado e nos angulos sobresahem os quatro cubellos, salvo o de Nordéste que é um pouco afastado para o lado do Poente. Todos os cubellos são cobertos de tectos cónicos construidos de tijolos e argamassa, e terminados por uma grande tulipa ou florão de granito que falta em dois d'elles. Em cada cubello ha ainda pequenos cones nos quatro angulos em volta do cone principal, os quaes tambem terminavam por mais pequenos florões da mesma pedra, a maior parte dos quaes desappareceu ha muito. O cubello do Noroéste dá sahida á chaminé do grande forno e o do Nordéste, por causa da escada de caracol que dentro d'elle se desenvolve, tem um pavimento superior com uma graciosa janella que dá para o eirado; e todos elles mostram largas setteiras, á maneira de miradouros, com o vão fortemente vazado para baixo e para fóra.

Balhesteira

Aos quatro lados do eirado, abrem-se quatro chaminés dos fogões do andar médio a que já nos referimos e sobre o postigo ou porta menor do rez-do-chão, encontra-se n'este eirado uma pequena saccada, balhesteira ou mata-cães, com pequeno parapeito e cuja soleira apoiada em cachorros, tudo de cantaria, é perfurada com tres largos orificios circulares que serviam para lançar projecteis ou materias inflamadas sobre os sitiantes quando tentassem forçar essa entrada que lhe fica exactamente por debaixo.

D'este lado e olhando para o chão vê-se um grande poço quadrangular, junto do qual uma escada de caracol perfura o sólo.

Grande poço e escada de caracol subterranea

Agora passaremos a visitar esta dependencia, depois de sahir da torre de menagem pelo postigo, perto do qual fica, em plano um pouco superior.

Mergulhando a vista no poço, actualmente vedado com forte rêde de arame, já para evitar desastres já para contrariar o mau costume de apreciar a sua profundidade lançando-lhe pedras, notam-se na sua parede do Nascente, isto é, n'aquella que corresponde á escadaria, altas e largas janellas em numero de oito, alinhadas no sentido vertical e cada uma d'ellas fechada superiormente por um arco em semi-circulo.

Estas janellas parecem destinadas a illumi-

nar a escadaria que é construida com notavel perfeição.

Poço e escada estão abertos n'uma especie de cubello rectangular que se salienta na linha de fortificação e é provido de parapeito muito pouco elevado.

Descendo o visitante os 136 degraus que formam a escada encontra-se junto da ultima janella que tem na soleira mais dois degraus, além dos quaes se não poderá ir sem o auxilio de uma escada de mão.

O fundo do poço é de surraipa dura e d'elle até á superficie medem-se $32^{m},55$ approximadamente.

Quem do fundo olhar em redor, verifica que a parede em que estão as janellas e por traz da qual se eleva a escadaria, assenta sobre um arco de granito topado na surraipa de um e outro lado.

Este arco prolonga-se em abobada por debaixo da escada e serve para sustental-a, o que até ao presente tem feito de maneira perfeita. Arco e abobada actualmente descobertos e que pódem examinar-se (1) sem grande difficuldade, se o visitante dispozer de uma escada de mão, esperançavam, emquanto soterrados quasi por completo, a descoberta de um caminho subterraneo que serviria para dar escapula á guarnição do castello em caso de apêrto. As recentes averiguações, cuidadosamente effectuadas, confirmaram as affirmações já feitas de que tal caminho nunca existiu. Abaixo da soleira do vão abobadado que

(1) No inverno ha sempre agua no fundo do poço que impossibilita o exame dos mais profundos pormenores.

tem na sua maior altura $1^{m},40$, ha ainda mais degraus que estariam talvez ligados aos da ultima janella por uma escada de madeira. Abaixo d'elles não existe mais pedra alguma, mas sim uma faixa nas quatro paredes do poço formada por grossos pranchões de madeira de carvalho, travados uns nos outros, os quaes formam a grade destinada a segurar a surraipa que sem ella poderia desmoronar-se.

Esta faixa de madeira mede um metro de largura e tem, ainda abaixo d'ella, mais meio metro de surraipa dura a descoberto.

Não obstante a enorme profundidade do poço não se descobrem n'elle nascentes abundantes que possam explicar tão dispendiosa obra. Apenas a um dos cantos, no que está por debaixo da ultima janella, apparece correndo um pequeno veio de agua.

Tanto o poço como a escada estiveram largo tempo entulhados, sendo objecto de lendas várias; mas em 1877 a vereação municipal mandou proceder ao seu desentulho e limpeza. Uns consideram esta construcção como sendo uma grande cisterna ou deposito de agua; outros reputam-na uma torre defensiva da «Porta da Traição», que lhe fica á direita ou ao Sul.

Mas a verdade é que como deposito de agua seria luxo inverosimil e bem dispensavel, servil-o por tão dispendiosa escadaria e para torre defensiva não carecia de uma tal profundidade; nem mesmo ha setteiras de um certo nivel para baixo que justifiquem tal opinião. São apenas quatro, todas em fenda vertical, sendo uma unica voltada ao Sul e as tres restantes a Nascente, não passando abaixo do nivel da terceira janella.

Galeria coberta

Entre a torre de menagem e o grande poço ha um espaço que outr'ora foi coberto, como facilmente se deprehende dos vestigios de supporte e pela existencia de cachorros, o qual vai dar a uma porta ogival em ruina, ao Sul, onde dezasete degraus levam a uma galeria coberta, curvando para a direita que desce em declive suavisado por outros dezasete degraus largos, e depois se continúa em rampa. A parede do lado esquerdo é setteirada com orientação vária, sendo as setteiras cruciformes e terminadas inferiormente por uma troneira, as que batem a campanha, e por uma fuzileira, as que alvejam o pateo da «Porta da Traição». Termina esta galeria em fundo sem sahida, mas com setteiras voltadas a Noroéste que estão entulhadas por aterro do predio particular contiguo.

Porém, um pouco áquem d'esse fundo, ha uma sahida por pequeno portal em ogiva, cujas hombreiras tem a notavel particularidade de apresentar uns caracteres gravados, ainda não decifrados com segurança. Entre este portal e o fundo ha duas setteiras muito esguias, cruciformes, mas com dupla travessa, que são as unicas d'este genero existentes no Castello.

Pateo da "Porta da Traição"

Sahindo pelo portal para o ar livre, encontra-se o visitante em uma especie de fôsso que não é mais que o pateo da «Porta da Traição», a qual fica a Nascente; é ladeada por setteiras, e dá

para terreno no exterior da fortificação, o qual é pertença de particular.

Em frente do referido portal da galeria coberta encontra-se outra menos extensa, que está sendo cuidadosamente reparada, a qual dá tambem sahida para o exterior da fortificação, sendo o terreno confinante pertença do mesmo particular atraz apontado.

E, ao lado direito de quem sahe do mesmo portal ha um outro semelhante, entulhado por aterro do predio contiguo, que em uma das hombreiras apresenta tambem a particularidade de ter esculpidos caractéres ainda não decifrados.

Tenalha

A' direita de quem olha a «Porta da Traição» existe um terrapleno accidentado, ao qual uma escada agora reconstruida dá accesso, todo muralhado e setteirado, que se chama a «Tenalha».

Toda a muralha, setteiras, adarve e escadas de communicação d'esta dependencia, soffreram agora uma grande e meticulosa reparação.

A um dos angulos d'esta muralha vem ter do lado de fóra um espesso e alto paredão que era o aqueducto por onde corria a agua que alimentava a fonte armoriada do pateo, á qual mais atraz se fez referencia.

Terrapleno do Sul

Voltando outra vez para junto do grande poço encontraremos perto d'elle as ruinas de uma

construcção, a qual, a julgar pela parede do Poente que se encurva no alto como se fôra um começo de ogiva, poderia suppôr-se serem os restos de uma velhissima capella.

Ha bem pouco se fizeram escavações no pavimento d'esta presumida capella, na esperança de descobrir qualquer coisa interessante, pois que ahi perto foi encontrado aquelle tumulo fragmentado de que falámos; mas nada mais se achou além de uma larga e profunda escavação na surraipa, de onde, de mistura com terra, sahiram muitos tijolos, alguns azulejos, ossos de animaes e bastantes conchas amollecidas e em desaggregação.

A seguir estende-se o terrapleno do Nascente sem apparencia de fortificação. É mantido por um paredão, recentemente construido sobre restos de antiga muralha, que véda o recinto e faz parapeito.

Ruinas indecisas

Do lado opposto, ruinas de antiga habitação constituem as trazeiras do Paço dos Condes, mas tão indecisas são na sua maioria essas ruinas que se não póde imaginar qual o primitivo plano de taes obras, mescladas como são de alterações e accrescentamentos feitos em epocas diversas.

É digno de menção o facto de ter sido encontrada a ara romana, a que atraz se fez referencia, nos encombros do paredão d'este terrapleno quando se procedia á sua reconstrucção.

Capella do Castello

D'estas ruinas poderá passar-se ao pateo, atravessando a arcada e, sahindo do Castello pela Porta da Villa, poderá vêr o visitante na esplanada a capella de Nossa Senhora da Encarnação «*a qual reedificou á sua custa a excellẽtissima Senhora D. Joanna, he toda de cantaria sextavada, cousa perfeitissima*».

Assim o relata Frei Francisco de Santa Maria, chronista geral da Congregação do Evangelista (ou dos frades Loyos) em 1697.

No alto do seu formoso portico principal lê-se a seguinte inscripção:

ESTA CAPELA MANDOV FAZER A CONDEÇA
DA FEIRA D. JOANNA FORJAZ PEREI-
RA DE MENEZES & SILVA=1656

Tem, de facto, a fórma hexagonal e é, em verdade, obra muito bem acabada, tanto nas suas paredes como na abobada e pavimento que tudo é de esquadria acuradamente apparelhada.

São tres os seus altares, em talha a côres e ouro, com alguns quadros a oleo integrados n'ella. Sobre o principal vê-se a lisonja da Condessa com a cruz floreteada dos Pereiras; e em cada um dos seis angulos da cornija assenta um leão, que apresenta um escudo liso em que pousa uma das garras, empunhando na outra uma espada.

Em tempo ignorado alguem pintou sem geito nem preceito estes leões e escudos.

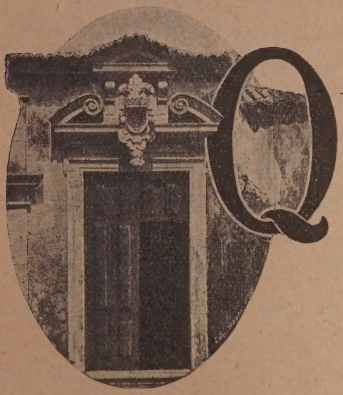
Nos altares, entre as imagens de regular esculptura em madeira, outras se notam de feição assás barbara, em pedra pintada, as quaes teriam pertencido á velha ermida que a presente capella veio substituir. A imagem de Santa Luzia, que se venera no altar á esquerda de quem entra, tinha capella propria extra-muros do Castello e, por ella se arruinar, foi transferida para esta em que se encontra.

PARTE II

II

Historia do Castello da Feira

Considerações sobre a época da sua fundação



UAL a mais remota origem do Castello da Feira, não foi possivel até hoje averiguar-se. Todavia, é ponto assente que o Castello da Feira ou de Santa Maria (convém saber que a Terra da Feira foi antigamente, e por muito tempo, denominada Terra de Santa Maria) já era existente muito antes da fundação da monarchia portugueza, referindo a tradição oral e escripta, que foram os mouros que o alevantaram em tão airoso ponto.

Porém, a grandiosa fabrica de linhas sobrias e magestosas, que solemnemente transporta a outras éras o visitante, não é já, senão em parte minima, aquelle velhissimo Castello denominado de Santa Maria.

Como atraz ficou annotado, quem attentamente observar as paredes da torre de menagem, com facilidade reconhece em toda a volta, exteriormente, a linha irregular das antigas ruinas constituidas por alvenaria miuda, e sobreposta a ella a cantaria grossa regularmente apparelhada. Este pormenor indica, por fórma incontestavel, uma importantissima reconstrucção que não foi radical, mas sim aproveitou o que do primitivo edificio offerecia estabilidade.

Convém reparar tambem em que as antigas muralhas da torre de menagem, foram reforçadas com outras de pedra grossa pela parte interior. Todos os competentes, entre os quaes merece especial menção o Snr. José Julio Gonçalves Coelho, estudando minuciosamente a actual fórma architectonica do Castello da Feira chegam á conclusão de que ella remonta aos já bem afastados tempos d'El-rei D. Affonso v. Um testemunho irrefragavel, que é a mercê que este rei fez do Castello da Feira a Fernão Pereira, do seu Conselho, aos 19 de Novembro de 1448, honra a perspicacia e conhecimentos dos que tiraram tal conclusão.

Fernão Pereira, 3.º Senhor das Terras de Santa Maria, quando solicitou a referida mercê, descreveu com nitidez o estado em que se encontrava o Castello da Feira. Achava-se, reflexionou elle, «*muito damnificado de muros, paredes, casas e outras coisas a elle necessarias, de tal fórma que se ao reino sobreviesse algum trabalho, o que Deus defen-*

desse, os moradores da Terra da Feira não teriam no Castello defensão alguma». E por tal o requerente, no caso de lhe ser deferida a petição, «*á sua propria custa o queria correger, refazer e reparar de muros, paredes, casas e todas as outras coisas que fossem necessarias para a sua fortaleza e defensão*».

A fórma como este illustre fidalgo, de quem mais adiante se falará, se desempenhou do seu encargo, póde ser ainda hoje, com grande louvor, apreciada por todos aquelles que veneram e estudam o Castello da Feira. Sem duvida, novas obras se fizeram no decorrer dos tempos. Ha cortinas de muralhas, variedades de setteiras, diversidade de portaes, pormenores de construcção, ora mais rude ora mais apurada, que denunciam épocas bem diversas.

Mas as principaes, orientadoras do conjuncto, provavelmente as realisou Fernão Pereira com a largueza e grandeza que exigiam os verbos empregados no seu compromisso e as teria continuado Ruy Pereira, seu filho, que foi o 1.º Conde da Villa e Castello da Feira. Deprehende-se que este algumas fez, mas claramente se não apura mais que um «serrado novo» que se entende ser o terrapleno do Nascente. É de crêr que ao Castello não dedicaram grandes cuidados os successores do Conde Ruy Pereira, porque nos tempos do rei D. Pedro II, por 1695, Frei Francisco de Santa Maria, chronista dos frades loyos, escreveu na sua «Historia das Congregações dos Conegos seculares de S. João Evangelista» os seguintes periodos elucidativos ácerca do monumento: «... *um altissimo e antiquissimo Castello, obra dos Mouros, e morada muitos annos dos Condes que tanto com a sua presença o enobrecerão & illustrarão, quanto ao depois a sua ausencia o arruinou & destruiu, ficando acervo*

de ruinas o que fôra monte de grãdezas e despojo lastimoso dos tempos, o que fôra emprego agradavel dos olhos. Quando isto escrevemos se diz que o excellentissimo senhor Conde da Feira o quer levantar de novo e restituir ao explendôr & luzimento antigo». Parece que D. Fernando Forjaz que era o Conde n'esta época, não honrou as boas esperanças do frade, porque em 1758 encontrava-se aproximadamente no mesmo estado em que hoje se encontra o interior da torre de menagem.

N'aquelle anno, fez d'ella uma descripção bastante minuciosa o vigario da parochia de S. Nicolau da Feira, José de São Pedro Quintella, para o «Diccionario Geographico» que se guarda na Torre do Tombo, onde póde lêr-se no vol. XV, fl. 195.

Posto isto, que se refere á feição que o Castello actualmente nos apresenta, procuremos reunir em breves linhas tudo quanto nos foi possivel encontrar disperso em narrativas e documentos e que possa contribuir para a sua historia.

Época romana

É licito suppôr que fossem os romanos quem primeiro alicerçou o originario monumento, fosse elle um castello ou fosse um templo.

Esta segunda hypothese é razoavelmente suggerida pelo apparecimento, em Junho de 1912, de uma ara romana, quando se procedia á reconstrucção da muralha de vedação da parte Léste, do lado detraz do Paço dos Condes, tendo uma inscripção, cuja leitura feita pelo infatigavel archeologo Leite de Vasconcellos, director do Museu Ethnologico Portuguez, reza assim:

DEO
TVERAEO
VOLENTI
ARCIVS
EPEICI.B
RACARVS
S.F

que, em romance do mesmo sabio, diz o seguinte:

«Ao benevolo deus Tueraeus consagrou este monumento Arcio, filho de Epeico, bracaro de nação».

Ara romana

Não é inédita esta noticia, porquanto já appareceu no volume III, fl. 612, da obra monumental do illustre professor e archeologo «Religiões da Luzitania», editada em 1913, onde se faz um breve commentario aos nomes proprios e mais dizeres d'esta inscripção.

Quando se tratou da torre de menagem indicou-se o local onde se encontra a pedra a que nos referimos.

N'este anno de 1917 outra inscripção appareceu, em pedra encontrada no recheio do cubello do Sudoéste (na torre de menagem) que se anda a reconstruir.

Diz o seguinte:

BANDE.VE
LVGO.TOIR
AECO.L.LAT
RIVS.BLAES
US.V.L.A.S

Mais outra vez consultado o Snr. Leite de Vasconcellos forneceu d'ella a seguinte leitura:

«Bandevelugo Toiraeco L(ucius) Latrius Blaesus v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit)»

e a seguinte traducção:

«Lucio Latrio Bleso cumpriu de boamente o voto que fizera a(o deus) Bandevelugus Toiraecus».

O Castello de Santa Maria na «Chronica Gothorum»

A mais antiga data em que se verifica a existencia do Castello de Santa Maria, posto que por referencia secundaria, é a da victoria obtida pelo rei D. Bermudo III de Leão, contra os mouros na villa de Cezár, «TERRITORIO DO CASTELLO DE SANTA MARIA».

Teve logar em 10 de Abril da era MLXXXIII segundo a «Chronica Gothorum», que a tal respeito diz textualmente o seguinte:

Era MLXXXIII. *X° calend. aprilis rex donnus Vermudo habuit victoriam de mauris, pugnavit cum eis, et cepit ibi regem eorum Cemia in villa Cesari in territorio castelli S. Marie.*

Cumpre observar, com Herculano, que está

errada a era MLXXXIII, poisque tendo fallecido o rei D. Bermudo na era 1075 (ou seja anno de Christo 1037) como affirma Flores, é preciso recuar para antes d'esta data a victoria de Cezár, a prisão do rei Cemia e, por consequencia, a certeza da existencia em tão remotos tempos do Castello de Santa Maria.

A «Brevis historia Gottorum» e o «Chronicon Conimbricense» registam a mesma noticia e referencia ao Castello, sendo que a primeira ao rei godo lhe chama Cuner e o segundo Cimeia.

Flacencio, alcaide do Castello em 1093

Outra noticia, referida a documento havido por authentico, com que deparamos relativamente ao Castello de Santa Maria, remonta ao dia 3 de Outubro de 1093 e vem exarada a paginas 280 na «Chronica dos Cruzios», por D. Nicolau de Santa Maria.

N'esta data, Soeiro Fromarigues, que em Maio de 1110 expirou pelejando valorosamente contra os mouros em Santarem, neto de Nuno Soares o Velho, rico-homem da Terra de Santa Maria, fez carta de doação e testamento ao Mosteiro de Grijó (fundado por seus tios Guterre e Ausindo), na qual se menciona, entre as pessoas que estiveram presentes, a Flacencio, alcaide do Castello de Santa Maria.

O Castello da Feira declara-se por D. Affonso Henriques (1128)

Posteriormente áquella data outras referencias apparecem, sendo digna de menção a que

Acenheiro escreveu e Alexandre Herculano explica, accusando o furto do Castello da Feira feito a D. Thereza por seu filho D. Affonso Henriques, o fundador da monarchia portugueza, sendo ao tempo Conde ou senhor da Terra de Santa Maria da Feira o celebre Hermigio Moniz que o mesmo historiador considera como sendo talvez o mais influente personagem da revolução de 1128, a qual, dando a victoria ao joven principe, terminou pela expulsão de D. Thereza e de seu valido o Conde de Trava do territorio portuguez.

O rei D. Sancho I refere-se no seu testamento ao Castello de Santa Maria (1226?)

O rei D. Sancho I no seu testamento, que parece ter sido feito na era 1226, ordenou que se a esposa rainha D. Dulce e as filhas quizessem entrar e permanecer no Castello de Santa Maria fossem pelos soldados que o tivessem, recebidas com aquella fidelidade com que ao monarcha costumavam receber

Dispoz do mesmo Castello em favor do filho que viesse a reinar e das rendas da Terra de Santa Maria em favor de sua esposa.

O Foral velho da Terra de Santa Maria e o Castello (1251)

O Foral velho da Terra de Santa Maria, que outra coisa não é mais do que o conjuncto de inquirições a que mandou proceder El-rei D. Affonso III, Conde de Bolonha, no anno de 1251, e que não faz referencia, ao contrario do que se affirma, a qualquer diploma anterior de natureza semelhante, antes prova evidentemente que nos

reinados de D. Diniz e D. Manoel outra noticia não havia dos direitos e deveres dos povos de Santa Maria para com a corôa de Portugal, além da fornecida pelas ditas inquirições, em alguns pontos se refere ao Castello da Feira e Palacio do Rei, indicando os serviços a prestar-lhes e a quem competiam.

Assim, quando viessem grandes madeiras para o Castello, que os portadores não podessem metter dentro d'elle, eram os da Feira obrigados a fazê-lo. *Et quando duxerint madeiram grande a «castellum» homines de regalenguis quod non possunt mitere intus debent ire illy homines de villa admitere de illus intus.*

Aos do reguengo de Milheiroz cumpria-lhes trabalhar, quando preciso fosse, no Castello e Palacio. *Et ipsi homines de ipso rregalengo debent venire ad servicium vestrum quando vobis opus fuerit ad castelum et ad palacium.*

Aos de Manhôce (Arrifana) cumpria-lhes *venyre sonar sobre cortas quando fuerit dominus Rex in feyra . . . E varrer palacium . . .*

Os de Cabanões forneciam o peixe que sahisse no dia em que o rei estivesse na Feira, e em compensação recebiam dos juizes da terra caldo e vinho. *Et de Cabanõees debent dare domino Regi totum pescatum quantum exierit in ipso die in quo Rex fuerit in feyra si fuerit dies piscati preter quod debent habere piscatores caldum et vinum per manum judicis terre. Et hoc piscatum debem levare de casali de petro rapa.*

Os mesmos de Cabanões, com outros, forneciam a cal para o Castello e Palacio. . . . *et de ipsa villa de cabanõees debent dare vobis cale pro ad vestrum castellum et pro ad palacia com villa de ovar et com sande et com ozõees et com guillmar et com sancto donato . . .*

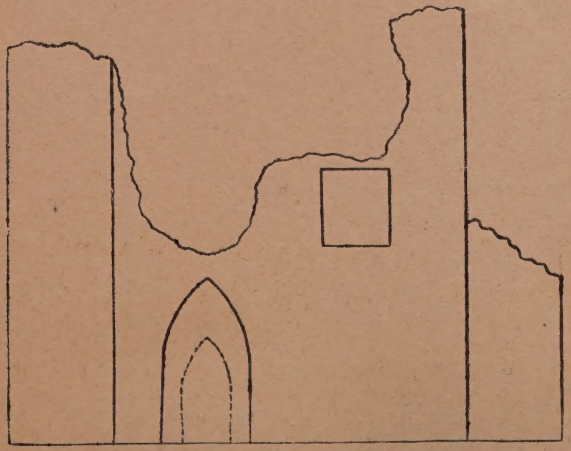
Os de Ovar carregariam uma vez nos seus carros quando o rei, estando na Feira, precisasse d'esse serviço. *Et servicialis de carrys debet dare unam carregam solis servicialio de feyra quando ibi fuerit dominus Rex et debet venire servicialis de feyra pro eo.*

Aos de Villa Nova de Romariz competia fornecer madeiras para o Palacio e Castello, bem como fornecer gallinhas para a collação do rei quando viesse. *Debet ire pro madeyra pro ad palacia et pro ad Castellum... et debet dare singullas galinas ad colleitam Regis quando venerit.*

A certidão d'este foral, de que textualmente se transcrevem no seu proprio latim barbaro estas passagens, encontra-se no Archivo Nacional da Torre do Tombo, Maço 8.º dos Foraes antigos n.º 1. O original não existe.

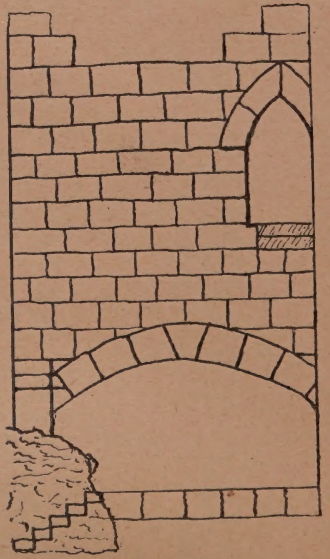
A rainha Santa Isabel donataria do Castello (1300)

Em dote e arrhas foi o Castello da Feira dado á rainha Santa Isabel, por D. Diniz. E certamente a este facto historico se prende a conhecida lenda, tradicional em Arrifana, que Pinho Leal exarou no seu «Portugal Antigo e Moderno»: ao passar ali, a Santa Rainha teria dado vista a uma cega; e comendo uma laranja, d'uma das suas pevides brotara uma laranjeira, cujos fructos apresentavam, junto do pé, as cinco quinas das armas de Portugal. Quem sabe se esta não seria uma ingenua e ao mesmo tempo encantadora interpretação da primeira laranja *corôa de rei*, variedade encontradiça hoje e ao tempo apparecida pela primeira vez em Arrifana?



Estado de ruina em que estaria a fachada da «Torre de menagem» do lado do Nascente, no anno de 1448 em que foi dado o Castello a Fernão Pereira, a imaginar pela bem sensivel differença de alvenaria. (Vide pag. 40).

Ara romana apparecida no recheio do cubello do Sudoéste da «Torre de menagem» em 1917. (Vide pag. 43).



Arco no fundo do poço sobre o qual assentam a parede que o fórra do lado do Nascente e a escada de caracol que se eleva até á superficie do solo. A janella marcada 6 a oitava e ultima para quem desce. (Vide pag. 29).

Tomada do Castello pelo infante D. Affonso (1323)

Por 1323, sendo alcaide-mór do Castello Gonçalo Rodrigues de Freitas, filho de Ruy Martins de Macedo tronco da familia dos Macedos e senhor de Sanceris, de passagem para Gaya o tomou o infante D. Affonso, mais tarde rei quarto do nome e cognominado «o Bravo», quando se revoltou contra aquelle D. Diniz, seu pai, pretextando o demasiado affecto que elle dedicava ao filho bastardo Affonso Sanches. Desterrado este ultimo para a sua terra de Albuquerque, em Castella, capitularam-se as pazes, por interferencia da Santa Rainha donataria do Castello, entre D. Diniz e seu filho e, para segurança d'ellas, determinaram que se puzessem de cada parte dois Castellos: pelo infante, o de Gaya e o da Feira; e por El-rei, os de Celorico da Beira e de Faria.

Fez-se a convenção em Santarem aos 25 de Fevereiro de 1324, e em Janeiro de 1325 falleceu D. Diniz na mesma cidade.

D. Pedro I faz mercê do Castello a Gonçalo Garcia de Figueiredo (1357)

O rei D. Pedro I, por carta passada em Lisboa aos 29 de Junho da era de 1395 (anno de Christo de 1357) (1), mandou entregar o seu Cas-

(1) Subtrahindo á era romana 38 annos, acha-se a era de Christo. Só de 1422 em diante é que foi obrigatorio datar os instrumentos publicos com o anno referido ao nascimento de Christo.

tello da Feira a Gonçalo Garcia de Figueiredo, seu vassallo, que d'elle lhe fez menagem.

Foi este Gonçalo Garcia, cavalleiro ayo do infante D. João, irmão de El-rei D. Fernando e este monarcha, pelos muitos serviços prestados a elle e seus antecessores pelo referido Gonçalo Garcia de Figueiredo, lhe fez mercê de juro e herdade com mero e mixto imperío, da terra chamada Celleiro de Maceira, no julgado do Vouga, por carta passada no Porto aos 17 de Janeiro do anno de Christo de 1372. Alguns annos atraz, em 3 de Março da era de 1405, ou seja anno de Christo de 1367, o mesmo rei D. Fernando tinha mandado passar carta de mercê do Castello da Feira ao dito Gonçalo Garcia (que já o tinha, como se disse de El-rei D. Pedro) e ao mesmo foi tambem entregue o Castello de Gaya, feita a devida menagem, por força de uma carta do referido rei D. Fernando, dada em Santarem aos 21 de Maio da era de 1412. No mesmo dia e mez do anno de Christo de 1378 já Gonçalo Rodrigues de Figueiredo era fallecido. Foi casado com D. Constança Rodrigues Pereira que, por seu pai Ruy Vasques Pereira senhor do Lamegal, alcaide-mór do Castello de Montalegre, etc., era bisneta do Conde D. Gonçalo Pereira, de quem adiante se tratará, e de sua primeira mulher D. Urraca Vasques.

Segunda vez casou D. Constança Rodrigues Pereira com Diogo Affonso de Figueiredo e por este segundo matrimonio foi seu bisneto o famigerado Frei Gonçalo Velho, que descobriu os Açores.

Do primeiro casamento com Gonçalo Garcia de Figueiredo nasceu Ayres Gonçalves de Figueiredo, vassallo de El-rei e senhor, como seu pai, do Celleiro da Maceira e de muitissimas outras ter-

ras, entre ellas a de Fermedo e prestimo da Marinha.

Estas duas houve-as por troca com El-rei D. João I, a quem por ellas deu o terço que tinha na Villa de Aveiro. Tudo o mesmo principe lhe confiscou por elle, depois de haver sahido da prisão, ter retirado para Castella, terra de inimigos e da maior parte fez mercê a João Rodrigues de Sá, seu camareiro-mór que, como adiante se dirá, foi tambem senhor do Castello da Feira.

Esta coincidencia faz lembrar que Ayres Gonçalves teria tido, como seu pai, o referido Castello e d'elle o herdaria, passando depois, entre os bens confiscados, para João Rodrigues de Sá, advertindo porém, que ha noticia de um alcaide-mór de nome Vasco Esteves Ferreira Pacheco, senhor de Marialva, que o poderia ter sido por esta época.

El-rei D. Fernando, em Janeiro de 1383, fez mercê das Terras de Santa Maria ao 7.º Conde de Barcellos D. João Affonso Tello, irmão de sua mulher a rainha D. Leonor Telles. Tanto esta como seu marido estiveram na Feira, e certamente no seu Castello, logo depois do seu casamento em Leça do Bailio.

O Castello da Feira por D. João I de Castella (1383)

Fallecendo D. Fernando no mez de Outubro do mesmo anno, logo apaixonada se levantou a controversia da successão no throno de Portugal, escolhendo D. João Affonso Tello a bandeira de Castella que mais vantajosa lhe pareceu aos seus interesses.

Era então alcaide do Castello da Feira Martim Correia que, assim como a flôr da nobreza e grande parte dos castellos da Nação, se pronunciou pelo rei D. João I de Castella, consorte de D. Beatriz, a filha dos reis de Portugal Fernando e Leonor e, por isto, pretendente poderoso á corôa portugueza.

É possivel que a esta resolução do alcaide Martim Correia não fosse alheio o senhor das Terras de Santa Maria, D. João Affonso Tello, sempre opportunista e que, pouco antes, até favorecera o Mestre de Aviz quando este apunhalou o valido da rainha viuva, João Fernandes Andeiro, Conde de Ourem.

Tomada do Castello para D. João I de Portugal (1385)

Tremulava pois, no Castello da Feira, o pendão com as armas de Portugal nas de Castella sobrepostas, por determinação do seu alcaide.

Após os memoraveis prélios, que déram ao Mestre de Aviz a corôa de Portugal e ao Condestavel Nun'Alvares a mais radiosa immortalidade, veio o Mestre para o Porto, onde nunca viera e seguiu depois para Guimarães, onde recebeu a noticia do feliz successo que os portuguezes houveram na batalha de Trancoso em Julho de 1385, commandados por Gonçalo Vasques Coutinho, alcaide-mór d'aquella praça e pai do 1.º Conde de Marialva, de quem procedeu a casa nobilissima d'este nome.

Foi este Gonçalo Coutinho quem, á frente dos homens de armas da behetria do Porto, ganhou para D. João I o Castello da Feira, sendo

certo que aos rogos de sua mãe D. Brites de Moura, deveu Gonçalo Coutinho os seus triumphos, o bom emprego da sua valentia e a sua elevada posição; pois foi depois o 4.º Mariscal do reino e tudo isto porque ella o demoveu de voltar-se para Castella, como foi sua primeira intenção. Não foi porém, sem interesse monetario que interveio no assumpto, porque o concelho e homens bons da cidade do Porto «*derão a Gonçalo Vas Coutinho por hir com elles ataa o Castello da Feira mil livras daffonsys; por que doutra guisa ho não quisera fazer*».

D. João I faz mercê do Castello a João Rodrigues de Sá, o Sá das Galés

D. João I de Portugal fez mercê do Castello da Feira (talvez confiscado, como atraz fica dito, a Ayres de Figueiredo) ao seu companheiro de armas e camareiro-mór João Rodrigues de Sá, o heroico Sá das Galés que deveu este glorioso cognome aos prodigios de valôr que realisou repellindo, elle só ajudado por um escudeiro, os castelhanos, de uma galé que já tinham empolgado, quando no cêrco de Lisboa por D. João I de Castella, ordenou este rei que fossem tomadas as galés portuguezas que estavam varadas em terra. N'este feito recebeu João de Sá quinze feridas, duas das quaes no rosto.

Os restos mortaes d'este heroe foram inhumados na capella-mór da igreja do convento de S. Francisco, no Porto, que tem no arco cruzeiro um escudo com o enxaquetado dos Sás.

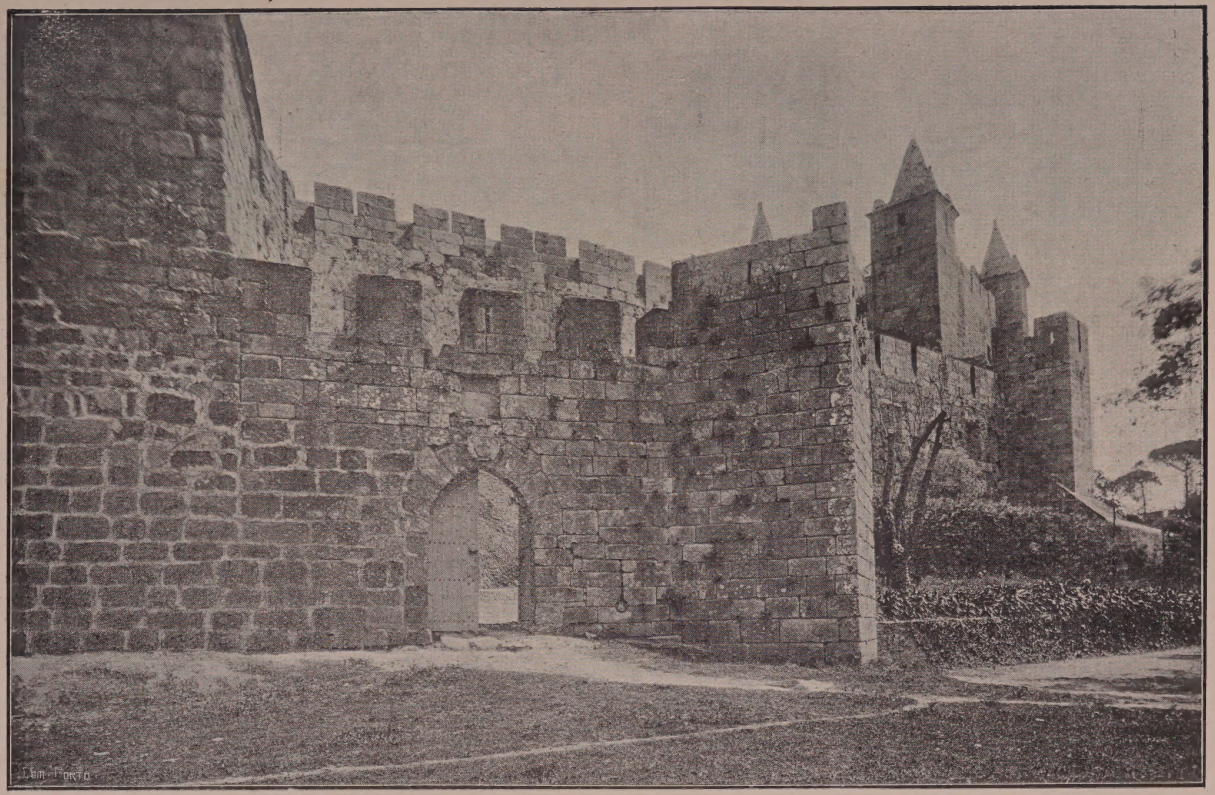
A mercê do Castello da Feira foi confirmada a seu filho Fernão de Sá por El-rei D. Duarte.

D. Affonso V faz mercê do Castello, de juro e herdade, a Fernão Pereira (1448)

Cumpre observar que muito embora o Castello fosse dos Sás, a estes não pertenciam as Terras de Santa Maria em que elle se achava, pois estas, como atraz se fez menção, foram dadas por El-rei D. Fernando a seu cunhado o Conde de Barcellos D. João Affonso Tello. Mas, tendo este seguido as partes de Castella, logo D. João I, o Mestre de Aviz, as doou ao seu Marichal ou Mariscal (foi do reino o 2.º) Alvaro Pereira, conservando-se desde então até á morte do 8.º Conde da Feira, D. Fernando Forjaz, na familia nobilissima dos Pereiras, á qual pertenceu o Santo Condestavel Nun'Alvares, porque este e o Marichal eram bisnetos do Conde de Trastamara D. Gonçalo Pereira, grande senhor opulento e generoso que os do seu tempo denominavam «o liberal».

Um neto do Marichal Alvaro Pereira, de nome Fernão Pereira que foi do Conselho de El-rei D. Affonso V, representou a este monarcha, como n'outro logar ficou declarado, sobre o estado de ruina em que o Castello da Feira, doado aos mencionados Sás, se encontrava, considerando-o, ao tempo, inutil em caso de guerra; e compromettendo-se a refazê-lo e repara-lo no que fosse necessario, se lhe fosse outorgada a mercê do dito Castello de juro e herdade, como de facto foi aos 19 de Novembro de 1448. E por força d'ella, foi dada ao Castello a fórma caracteristica que ainda hoje conserva.

Fernão Pereira embora fosse, por morte de seu pai, o 3.º senhor das Terras de Santa Maria,



A «Porta da Villa», entrada do castello

na sua familia foi o primeiro que teve o senhorio do seu velho Castello.

Ruy Vaz Pereira, 1.º Conde da Villa e Castello da Feira (1452)

Succedeu-lhe seu filho Ruy Vaz Pereira.

Este, que primeiramente foi Conde de Moncorvo, veio a ser depois o 1.º Conde da Villa e Castello da Feira, de juro e herdade, por carta de El-rei D. Affonso V passada em Evora aos 14 de Janeiro de 1452.

Fez Ruy Pereira o seu testamento nas casas do Castello, em que vivia, aos 22 de Dezembro de 1480. D'elle se deprehende que El-rei D. Affonso V esteve no Castello e que lá lhe prometteu confirmar a seu neto D. Alvaro Pereira, a doação amplissima que havia feito a seu filho bastardo D. João Pereira, para que succedesse na casa e titulo com preferencia sobre D. Diogo Pereira filho legitimo que, apesar de tudo, foi quem veio a succeder a Ruy Pereira no condado, após uma renhidissima demanda que terminou por uma composição.

D. Affonso V esteve em Aveiro em 1462, lançando no dia dos seus annos, 15 de Janeiro, a primeira pedra do Convento de Jesus, do qual foi uma das fundadoras D. Mécia Pereira, irmã do 1.º Conde da Feira. Voltou ao mesmo Convento em 1466 e n'elle assistiu ás cerimonias das professões.

É provavel que fosse em qualquer d'estes annos a sua visita ao Castello da Feira.

El-rei D. Manoel I no Castello da Feira (1502)

No dia 25 de Outubro de 1502 teve D. Diogo Pereira, 2.º Conde da Feira, sendo ainda vivo seu pai o Conde Ruy Pereira, a levantada honra de hospedar no Castello El-rei D. Manoel e a sua luzidissima comitiva.

Este venturoso monarcha, que teve, como toda a Côrte, em 11 de Setembro do dito anno, o summo prazer de assistir á chegada de João da Noboa, o esforçado cavalleiro que acabava de descobrir as ilhas da Conceição e Santa Helena, depois de se bater com valentia sobrehumana, resolveu pouco depois partir para Compostella, a fim de cumprir um voto que fizera ao famoso apostolo S. Thiago.

Foi certamente no decurso d'esta romaria que se hospedou no Castello da Feira.

Acompanhavam-no seu primo D. Fernando de Menezes, 2.º Marquez de Villa Real, fronteiro-mór do Algarve que brilhantemente se distinguiu em Ceuta e os irmãos d'este, D. Henrique e D. Diogo Commendador-mór de Christo que n'aquella praça foram armados cavalleiros pelo Marquez seu irmão.

Fazia tambem parte da comitiva o 1.º Conde de Cantanhede D. Pedro de Menezes, alferes-mór de Portugal que em Africa serviu com reputação e tomou parte na batalha de Toro. Querendo El-rei na comitiva ir encoberto, ordenou que todas as deferencias fossem prestadas ao Marquez de Villa Real, para que elle passasse despercebido.

Diz o bispo de Silves D. Jeronymo Osorio

que El-rei deixou em todas as casas em que se hospedou mil generosidades.

Morre no Castello o Inquisidor Frei Rodrigo da Madre de Deus (1553)

Aos 6 de Maio de 1553, falleceu no Castello da Feira Frei Rodrigo da Madre de Deus que teve o nome secular de D. Rodrigo Pereira e que era filho do 3.º Conde da Feira D. Manoel Pereira.

Adoecera o bom Padre, diz Frei Francisco de Santa Maria, *de hũa febre lenta que pouco a pouco lhe ia tirando a vida, originada, a juizo dos Medicos, do grande trabalho e desvelo com que se aplicava a servir o Santo Officio.*

Estando em Coimbra, diz ainda o chronista, *foi chamado a Lisboa pelo Cardeal Infante D. Henrique, para Inquisidor da Mesa Grande no Tribunal do Santo Officio, que então começava n'este Reyno; e o Infante, que era Inquisidor Geral, o queria povoar de sugeitos grandes em sangue, lettras e virtudes..... Concorriam no P. Rodrigo da Madre de Deus todas aquellas partes: porq. o sangue era do mais illustre de Portugal, as lettras erão muitas e notorias e não menos notorias, nem menos, as virtudes.*

Foi nomeado bispo de Angra e ia occupar o mais alto cargo do Santo Officio, de Inquisidor Geral, o qual até ahi desempenhara o Cardeal D. Henrique, quando lhe sobreveio a morte.

Assistiu-lhe, continúa o chronista, *a Condeça sua mãy cõ fortalesa superior ao sexo: por sua mão lhe fechou os olhos, e (o que he mais raro) cõpoz e amortalhou o corpo mostrando cõ patẽtes sinaes que não só o amava como a filho, mas q. tãbẽ o venerava como a Sãto.*

Jaz no convento da Villa da Feira, onde o seu epitaphio póde lêr-se ao descer do arco cruzeiro em uma das duas campas que ali se encontram.

O 4.º Conde D. Diogo faz obras importantes (1557)

Sendo 4.º Conde da Feira D. Diogo Forjaz Pereira, com assentamento de 102:854 reaes, por carta de 1557, 7.º senhor da Casa da Feira e 5.º do seu Castello, n'elle se fizeram obras, presumindo-se fundadamente, pela inscripção da interessante pedra de armas que se encontra no recinto da barbacã, ter sido obra d'elle essa mesma barbacã. Egualmente foi obra sua a fundação do convento d'esta Villa, o que adiante, na parte III, mais de espaço se referirá.

O pretendente D. Antonio, Prior do Crato, utilisa a artilharia do Castello para bombardear Aveiro (1580)

Em 1580 o mallogrado pretendente Prior do Crato utilisou, para bombardear Aveiro, artilharia que se encontrava no Castello da Feira.

O caso passou-se pela fórma seguinte.

Depois da vergonhosa derrota por elle soffrida nas Portas de Alcantara, retirou-se á pressa para Santarem, levando soldados e contribuições forçadas das terras que percorria.

Achando muito frouxa a cidade que pouco antes o aclamára, encaminhou-se para Coimbra, onde foi enthusiasticamente recebido. Augmen-

tadas as forças e readquirida a confiança, dirigiu-se a Montemór cujo Castello deixou confiado a Diogo Botelho, marchando de lá sobre a Villa de Aveiro, que não estava bem disposta a favor da sua causa.

Irritado o Prior, mandou buscar a artilharia existente no Castello da Feira que ao tempo era de D. Diogo Pereira, neto do 4.º Conde do mesmo nome e em 10 de Setembro de 1580 ordenou que se désse um assalto a Aveiro, seguido de outros que foram repellidos, porque os sitiados esperavam soccorro do alcaide-mór do Porto Pantaleão de Sá que de si não deu acôrdo.

E comtudo, foi este um dos causadores de estar na Feira a artilharia que varejou Aveiro, embora fosse tambem um dos mais valiosos partidarios que D. Filippe contava na cidade do Porto.

O contrasenso apparente deslinda-se pela fórma seguinte.

Nos primeiros e indecisos tempos da gerencia dos governadores do reino e ultimos dias do Cardeal-rei, pensaram estes em defender-se dos ataques provaveis de Filippe II e mandaram guarnecer em pé de guerra differentes fortalezas da nação. Do Porto partiram para Almeirim emissarios incumbidos de pedir áquelles governadores o material preciso para a defeza da cidade; mas não sendo encontrados os governadores pelos emissarios do Porto, por conta propria se dirigiram estes ao proprio D. Antonio que acabava de ser acclamado rei em Santarem e que lhes deferiu promptamente a petição.

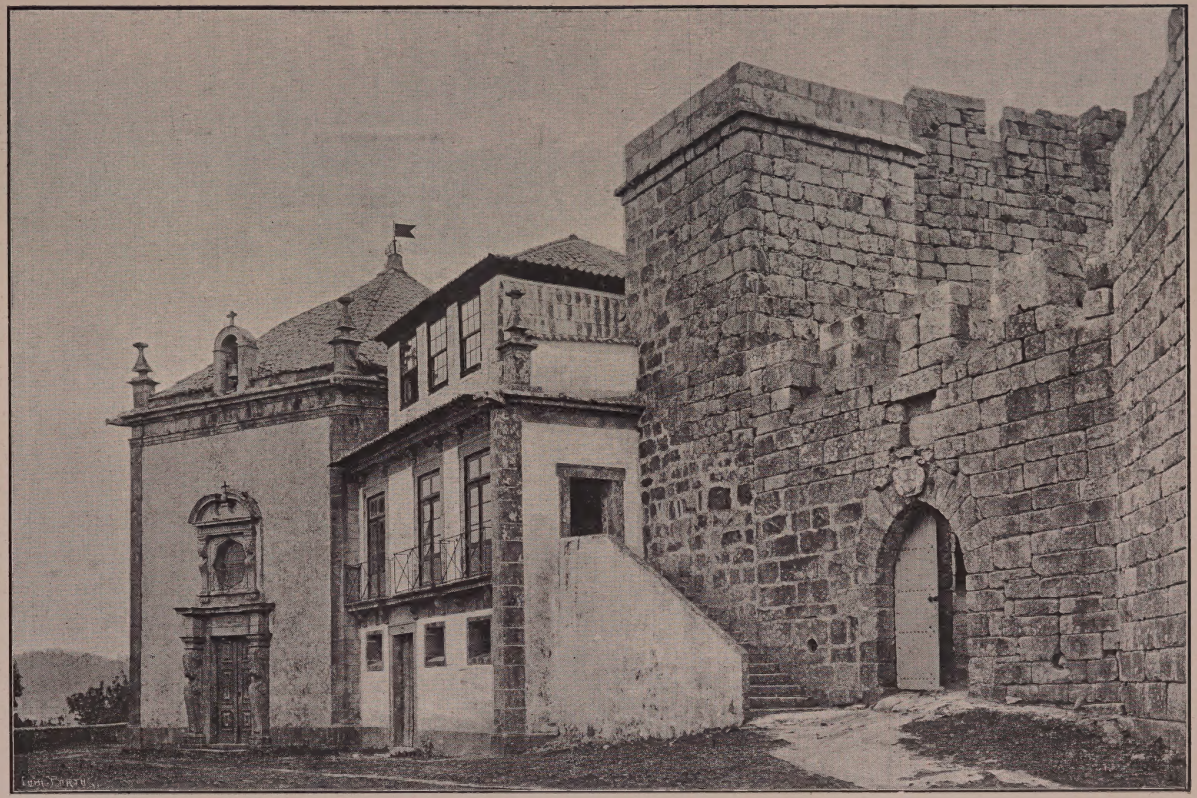
Como porém, ao tempo do regresso ao Porto, já Pantaleão de Sá e outros estivessem voltados para Castella, não foi approvada a diligencia dos emissarios e tomaram a resolução de prudente e

manhosamente ordenar que fosse depositada a artilharia no Castello da Feira, não fosse D. Filippe irritar-se quando viesse a saber que a guarnição do Porto recebera armas e munições do seu antagonista o Prior do Crato. D'aqui o ensejo que teve D. Antonio de empregar este material de guerra contra Aveiro onde, não obstante, contava dedicados partidarios, especificadamente os Alpoins. Conseguiram estes afinal despertar o patriotismo da população e levaram a Villa a abrir as portas ao neto de D. Manoel. E por fim o representante da causa nacional procedeu pouco fidalgamente, pois permittiu o saque e os homicidios, não perdendo occasião de vingar-se dos aveirenses que lhe quizeram negar as chaves da Villa para entrega-las aos castelhanos.

Filippe II é que não esqueceu depois estes lances dolorosos que suavisou, concedendo muito diplomaticamente em 1581 á Villa de Aveiro o titulo de *nobre e notavel* e restabelecendo-lhe em 1585 todos os privilegios que lhe outorgára El-rei D. Manoel.

A 6.ª Condessa, D. Joanna, manda edificar a capella do Castello (1656)

Em 1656, a 6.ª Condessa da Feira D. Joanna Forjaz Pereira de Menezes e Silva, de quem mais demoradamente se tratará na parte consagrada aos Condes da Feira, mandou construir a original capella de Nossa Senhora da Encarnação, para substituir a velha ermida do mesmo nome, a qual é digna de vêr-se pela severa e singela formosura das suas linhas architectonicas.



Capella, casa do capellão e «Porta da Villa»

É desterrado para o Castello da Feira o célebre vulto politico D. Sebastião Cesar de Menezes (1666)

No tempo do 8.º Conde D. Fernando Forjaz, correndo o anno de 1666, foi desterrado para o Castello da Feira o seu parente e grande vulto que se chamou D. Sebastião Cesar de Menezes, do Conselho d'Estado, bispo eleito do Porto e de Coimbra, arcebispo eleito d'Evora e de Lisboa, embaixador a França, desembargador do Paço, Inquisidor Geral, etc.

Foi homem «*adornado de admiraveis partes*», grande lettrado, poeta delicado, discreto e agradavel cortezão e formidavel politico. Mas, feitio odiento, atrabiliario e a espaços incoherente, causou enormes desventuras, incluindo a sua propria.

Era filho de Vasco Fernandes Cesar, do Conselho d'El-rei, general de artilharia, alcaide-mór de Alemquer, e de sua mulher D. Anna de Menezes, filha de D. Manoel Pereira, que não herdou a Casa da Feira por ter fallecido em vida de seu pai o 4.º Conde D. Diogo Forjaz Pereira.

Era D. Sebastião Cesar irmão de Luiz Cesar de Menezes, de quem procedeu a illustre Casa de Sabugosa, cujo actual representante é tão grande fidalgo por nascimento como pela intelligencia e lettras que o exornam.

D. Affonso VI, sacudida a regencia, nomeou seus ministros os Condes de Castello Melhor e de Athouguia e a Sebastião Cesar.

O primeiro que com os outros dois se não entendia conseguiu, com varias intrigas, afastalos do poder, desterrando o ultimo para o Castello da Feira.

Despeitado este, durante um anno n'este seu desterro tramou a deposição do rei que o escolhera para membro do seu primeiro ministerio. E quando a rainha D. Maria Francisca de Saboia se recolheu em 21 de Novembro de 1667 ao convento da Esperança e se ausentou de Lisboa o Conde de Castello Melhor, já demittido de Escrivão da Puridade, logo Sebastião Cesar se apresentou ao infante, depois D. Pedro II, protestando ousadamente contra a prisão crudelissima do desgraçado monarcha Affonso VI, cuja desdita afincadamente promovera.

De tal resultou novo desterro, ordenado por quem tão valiosamente servira que veio cumprir no Porto, onde morreu contricto e desilludido das grandezas e paixões humanas aos 29 de Janeiro de 1672, mandando que o sepultassem fóra da porta da igreja dos Carmelitas em sepultura raza, com a seguinte lettra modestissima: «*Aqui jaz sepultado Sebastião Cesar*».

O 8.º Conde D. Fernando engrandece o alcáçar (1700)

O 8.º Conde da Feira D. Fernando Forjaz que de facto viveu separado de sua mulher e prima D. Vicencia Luiza Henriques, residia no Paço do Castello da Feira, attribuindo-se-lhe a construcção da arcada, galeria e portico brazonado que áquella habitação trouxeram uma certa apparencia de severa grandeza.

Parece que nada fez na torre de menagem, a imaginar pelo relatorio já mencionado do vigario José de São Pedro Quintella e se quaesquer obras realisou, foi entre o anno de 1695, em que Frei

Francisco de Santa Maria denunciava o Castello *um acervo de ruinas e despojo lastimoso dos tempos* e o de 1700 em que o Conde D. Fernando falleceu.

Cumpre advertir que nos ultimos tempos da vida, reatadas as relações com sua mulher, com ella vivia o Conde em Lisboa.

Aqui vem a proposito dizer alguma coisa sobre o Paço dos Condes.

Ruy Pereira, o 1.º Conde, no seu testamento feito em 1480, dispõe das casas do Castello em que vivia a favor de sua nora D. Leonor Coutinho, mulher que fôra de seu filho bastardo D. João Pereira, «o Mulato».

Depois da morte de Ruy Pereira, levantou-se renhido pleito por causa da successão da Casa e titulo e D. Leonor Coutinho, emquanto elle durou, não quiz aproveitar-se das casas nem do *serrado que de novo fez* seu sogro, serrado que seu cunhado o Conde D. Diogo, logo lhe quiz entregar, mas tão sómente do quarto alto, do qual se utilisava ainda em 1494 por occasião do accôrdo feito entre as partes litigantes.

Assente que as casas da vivenda no Castello ficavam a D. Leonor Coutinho, esta em seu Codicillo de 1511 declarou-as vinculadas ao morgadio instituido em favor de seu filho D. Alvaro Pereira, com a seguinte clausula rigorosa:

... o qual (morgado) *em tempo algum irá por acontecimento al a unir-se na successão dos descendentes do dito Senhor Dom Diogo* (o 2.º Conde), *nem em falta do dito D. Alvaro seu filho, antes de parte, sempre andará na sua linha e nom a havendo o poderá deyxar a quem bem quizer, com tanto que nom sejom os decrarados escusos do Senhor Dom Diogo; porque este lhe nom vem, nem pode vir:.....*

Não obstante esta disposição prohibitiva de

D. Leonor, as casas do Castello passaram para os descendentes do Conde D. Diogo, sendo pontos para averiguar a época e fórma pelas quaes se operou a condemnada transferencia.

D. Pedro II considerando vaga a Casa da Feira integrou-a na do Infantado

Tendo fallecido o 8.º Conde D. Fernando, ultimo do seu ramo, em 15 de dezembro de 1700, sem successão legitima, considerou D. Pedro II vaga para a Corôa a Casa da Feira e d'ella dispoz em seu testamento, por disposição generica, a favor de seu filho o infante D. Francisco, integrando-a na do Infantado que El-rei D. João IV instituira aos 11 de Agosto de 1654.

D. João V confirmou a seu irmão o disposto pelo pai relativo á Casa da Feira, por carta de 10 de Fevereiro de 1708.

Para tal, foi mister porém calcar aos pés os direitos que deviam parecer indiscutiveis de D. Miguel Pereira Coutinho, como representante de D. João Pereira, o bastardo legitimado do 1.º Conde Ruy Pereira, de quem atraz se falou e de novo mais especificadamente se falará na III parte.

Incendio no Castello (1722)

E' tradição que o infante D. Francisco, cuja turbulencia passou á Historia, vinha com gente sua alojar-se no Castello da Feira com attitudes de rebeldia, quando lhe pareciam turvos os ares da Capital e que o governo, para lhe inutilisar o

refugio, lhe mandára lançar fogo ao Castello. Não ha duvida que no *Paço* se ateou um incendio, o qual, no dizer do vigario José de São Pedro Quintella, «*o deyxou despojo lastimoso das suas devoradoras chamas*». Um coevo, o conego Manuel Homem Soares, de Sanfins da Feira, exarou a data d'esta occorrencia, noite de 15 para 16 de Janeiro de 1722, n'um caderno de lembranças que possuia o Snr. Hermenegildo Correia de Sá, ha pouco fallecido, da Quinta das Mestras d'aquella freguezia.

Decadencia do Castello

Extorquida á familia dos Pereiras, por tantos titulos nobilissima, a Casa da Feira, da qual tantos e tantos membros se distinguiram nos mais elevados e melindrosos cargos da governação publica, mais se accentuou a decadencia das edificações, poisque passou a ser tão sómente fonte de lucros o que antes era, pelo menos de tempos a tempos, objecto de carinhosos cuidados e legitimo orgulho, como perenne manifestação da grandeza dos passados e esperança ridente do merito dos vindouros.

E o lucro era bem grande, podendo ainda hoje considerar-se como tal pela simples menção da sua importancia. Em 1494, quando se fez a composição do 2.º Conde, D. Diogo, com sua cunhada D. Leonor Coutinho, computou-se a renda da Casa da Feira em dois contos de réis. Mas em 1805 o rendeiro d'ella, João de Oliveira Camossa, capitão-mór de Azemeis, assassinado em Arouca, pagava ao Infantado a bonita somma de dezoito contos quinhentos e cinco mil réis em cada anno. E, não obstante as enormes difficuldades e cala-

midades d'aquella época, não consta que este ren deiro deixasse em más circumstancias os seus descendentes.

Effeitos do celebre terremoto de Lisboa no Castello (1755)

O terremoto de 1755 que assolou a Capital, tendo na Feira damnificado o dormitorio da parte Sul do convento e derribado a maior parte da abóbada da Mizericordia, sem perca de vidas nem prejuizo dos altares, em pouco affectou o Castello, pois segundo o testemunho do vigario Quintella apenas o campanario existente em um dos cubellos da torre de menagem «*deu tanto de sy que estava aredado da mais parede perto de dois palmos*». Pela inspecção dos quatro cubellos parece que sómente no do Noroéste poderia ter estado o campanario referido, encostado á cobertura conica ou corucheu, em que ainda ha pouco se via um grande rombo que se dizia feito por um raio que aproximadamente em 1842 cahira no dito cubello, derrubando-lhe o florão terminal. Esse raio teria tambem destruido o campanario. Identico florão do corucheu do Sudoéste foi mais tarde projectado para fóra da torre, por um furioso vendaval.

São arrematados em hasta publica, como bens do Infantado, terrenos e annexos do Castello (1837)

Alcançados pelas leis de desamortisação os bens da Casa do Infantado, foram estes vendidos em hasta publica apoz a Guerra Civil, sendo arrematada a quinta annexa ao Castello pelo general

Vista das muralhas e de um cubello da torre de menagem
tirada do lado do Poente

Silva Pereira, irmão do 1.º Conde das Antas, ao tempo domiciliado na Feira. Essa arrematação fez-se com a mais censuravel indifferença pela situação do venerando monumento, em torno do qual deveria ter ficado uma faixa de respeito, evitando assim que, á excepção da porta da Villa, ficassem como ficaram, inuteis umas e entulhadas as restantes entradas para o Castello. Pouco depois no «Diario do Governo» n.º 189, de 12 de Agosto de 1839, fez-se o annuncio para arrematação do Paço dos Condes e Celleiro, dependencias a dentro da parte fortificada, sendo a base de licitação a quantia de 408$400 réis. Com uma e outra ficou tambem o general José Joaquim da Silva Pereira, tendo-as votado sempre ao mais completo abandono.

É visitado o Castello por El-rei D. Fernando II e seus filhos D. Pedro e D. Luiz (1852)

No anno de 1852, por occasião da vinda da Familia Real ás provincias do Norte, visitaram em Maio as ruinas do Castello da Feira El-rei D. Fernando II e os seus filhos os futuros reis D. Pedro V e D. Luiz I. A rainha D. Maria II e muitas outras pessoas da real comitiva, procedentes do Porto, viajavam nas pesadas carruagens da época; El-rei e os principes vinham a cavallo. Estes demoraram-se duas horas na visita ao Castello, sendo notoria a impressão causada em D. Fernando pelas ruinas magestosas. D. Maria II não se apeou da carruagem, esperando dentro d'ella o regresso do marido e dos filhos, seguindo logo todos para Ovar.

Attribuiu-se a intrigas locaes a conducta da rainha, não acceitando o offerecimento da casa do

presidente da Camara, Bernardo Correia de Sá, a melhor e mais vasta da Villa, sita no Rocio e que fôra devidamente preparada para a recepção e *lunch* da Familia Real e sua comitiva.

É visitado o Castello por El-rei D. Manoel II (1908)

No dia 23 de Novembro de 1908, em que o exilado rei Senhor D. Manoel II veio inaugurar o primeiro troço do Caminho de Ferro do Valle do Vouga, teve logar tambem a visita d'este joven monarcha a esta Villa e seu Castello. Pela imponentissima recepção que se lhe fez e pelo que durante a visita admirou, segundo o testemunho da rainha Senhora D. Amelia, ficou seu Filho verdadeiramente encantado. Uma lapide de marmore, mandada collocar á entrada da torre de menagem pelos subscriptores das festas de recepção ao regio visitante, commemora o acontecimento.

No eirado da torre de menagem e no canto do Nordéste, esteve durante a vizita desfraldado o pavilhão real.

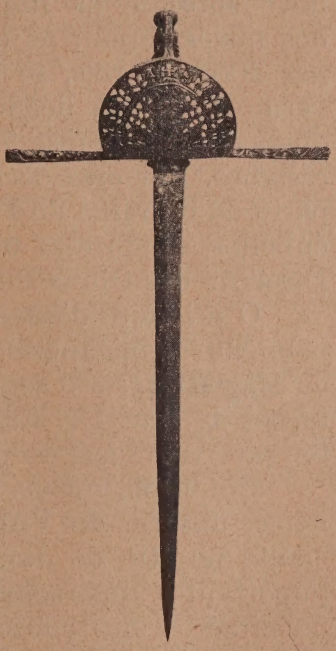
Bemfeitorias

Cumpre fazer agora a enumeração chronologica das raras bemfeitorias que no Castello da Feira se realisaram, apoz a venda em hasta publica da Quinta do Castello, Paço dos Condes e Celleiro.

Em 1877, a Camara Municipal da presidencia do Dr. Manoel Augusto Correia Bandeira (mais tarde aggraciado com a carta do Conselho) e de que era vice-presidente o Dr. Joaquim Vaz de Oliveira, por proposta do vereador Dr. Antonio

Augusto de Araujo e Mello, os dois ultimos já fallecidos, custeou a despeza do completo desentulho do grande poço na importancia de 200$000 réis.

Em 1881 foi o Castello classificado *monumento nacional*, em consequencia do relatorio do erudito Ignacio de Vilhena Barbosa, publicado no «Diario do Governo» n.º 62 do mesmo anno; mas, se d'ahi lhe adveio alguma bemfeitoria, foi ella meramente platonica, porquanto não chegou sequer a ser apreciavel.



Adaga apparecida perto do Castello

Em 1905, um admirador do Castello, Affonso Alfredo Teixeira Couto, já fallecido, antigo proprietario da «Hospedaria Topa», tomou a iniciativa de abrir uma subscripção publica para custear as mais urgentes reparações no monumento. Obteve a somma de 111$160 réis que ali dispendeu, velando pessoalmente pela sua melhor applicação em reparos, arrumação de pedras e limpeza da abundante vegetação espontanea. Por essa occasião foi nas proximidades encontrada uma interessante adaga que a Snr.ª D. Maria Vieira Couto, sua viuva, gentilmente poz á disposição do Dr. Aguiar Cardoso que a conserva, como pertença da Commissão de vigilancia pela guarda e conservação do Castello da Feira.

Em Abril de 1907 foi concedido pelo Go-

verno, apoz instantes solicitações que já de longe se vinham fazendo, um subsidio de 200$000 réis para reparações no Castello, que foram realisadas pela Direcção das Obras Publicas de Aveiro. Com este subsidio se fizeram as portas de castanho que se vêem nos trez portaes que dão para o exterior e se reconstruiu a muralha do Norte.

Em setembro do mesmo anno foi concedido novo subsidio na importancia de 400$000 réis dos quaes foram, ao que parece, applicados apenas 200$000 réis, se tanto, até á quéda do Governo de então, ficando desde logo suspensas as obras e ignorando-se o destino que teve a quantia restante. Por essa occasião apenas foi reparada a parte da muralha do Poente que fica entre os dois cubellos, sendo essa obra tambem realisada pela Direcção das Obras Publicas districtal.

O primeiro d'estes subsidios deveu-se principalmente ás instancias do deputado Snr. Dr. João de Magalhães; e o segundo unicamente ás solicitações do Snr. Dr. Eduardo Vaz de Oliveira, ao tempo chefe local do partido regenerador liberal.

Em 1909, o Snr. Fortunato da Fonseca Menéres, natural da Villa da Feira e antigo negociante no Rio de Janeiro, custeou do seu bolso importantes reparações que eram urgentissimas, no eirado e nos cunhaes da torre de menagem, na importancia de 200$000 réis.

O Snr. Alexandre Brandão além de ter cedido, para se collocar na Barbacã, a pedra d'armas que mandou fazer o 4.º Conde da Feira, D. Diogo Pereira, a qual se encontrava em um portão da Quinta da Cêrca, propriedade que adquiriu em Julho de 1913, tem ajudado a custear até hoje varias obras, dispendendo n'ellas para cima de 160$000 réis.

Creação da Commissão de vigilancia pela guarda e conservação do Castello da Feira.

Mais bemfeitorias.

Atraz ficou apontado que o Snr. Fortunato Menéres custeou importantes reparações no eirado e cunhaes da torre de menagem. Foi este acto, tão espontaneo como benemerito que suggeriu a ideia de formar-se uma patriotica commissão local, que se installou no mesmo anno, e que se denomina «*Commissão de vigilancia pela guarda e conservação do Castello da Feira*», á qual se deve o serviço permanente de guarda ao monumento e a realisação das vedações com o levantamento de muralhas desmoronadas, tendo feito tambem as mais urgentes reparações, com o que tem dispendido a somma de 1:050$000 réis.

A mesma commissão conseguiu que, por generosa doação dos ultimos possuidores, entrasse na posse da Camara Municipal o Paço dos Condes da Feira, não havendo actualmente dentro do recinto da fortificação, parcella alguma pertencente a particulares.

Ainda pelas reiteradas e instantes solicitações da Commissão de vigilancia, conseguiu-se do Estado, com a valiosa intervenção do Snr. Manoel Carlos de Souza Brandão, engenheiro e alto funccionario do Ministerio do Fomento, senhor da antiga e nobre Casa da Murtosa, em Mosteirô, d'esta comarca da Feira, a obra de demolição e fiel reconstituição do cubello do Sudoéste da torre de menagem que ameaçava ruina. Esta obra importantissima que se está criteriosamente realisando, custará para cima de 2:000$000 réis.

O Estado igualmente forneceu os necessarios meios para reparar os desmantelados merlões, adarves e escadas da Tenalha e para reformar o caminho coberto que por debaixo d'ella atravessa.

Evocando o papel desempenhado até hoje, pela commissão organisada para a guarda e conservação do Castello da Feira, é dever da mais acrisolada justiça registar, pelo menos em breves palavras, o merecido encomio de quem é a alma d'ella e o seu mais alto espirito de acção, o Dr. Antonio Augusto de Aguiar Cardoso, sub-delegado de saude e medico municipal do concelho da Feira.

Foi esta sympathica individualidade, por tantos titulos notavel que conseguiu fazer vingar a iniciativa da commissão, tomando para si o modesto e afadigôso cargo de secretario d'ella.

Ha sete annos elle trabalha, pede, insiste e reclama perante os particulares e os poderes publicos, por fórma a não deixar amortecer a chamma de enthusiasmo e carinho que, em volta do Castello, soube e sabe atear e conservar.

Espirito de elite, francamente aberto e sensivel a todas as manifestações de arte ou de graça delicada, ora prende á magia da sua batuta, no templo ou no theatro, as afinadas vozes do Orpheon Feirense que elle organisou, ora enternecidamente acompanha, com infantil enthusiasmo, o desenvolvimento e desabrochar das formosissimas plantas e flôres do seu jardim, ora com penna elegante trata particular e publicamente os assumptos mais variados e complexos, ora, finalmente, no exercicio da sua profissão conduz aos lares os soccorros da sciencia medica em que é laureado, sempre de maneira gentil, sem-

pre com o melhor agrado brilhando no seu rosto insinuante.

Para tudo lhe chega o tempo e tudo aquillo de que se encarrega executa com perfeição.

Muito lhe devem todos os feirenses; e os seus nobres esforços, sempre coroados do melhor exito, ficarão para sempre memorados no espirito d'aquelles que prezam a sua terra, os monumentos d'ella e o desenvolvimento espiritual dos seus habitantes.

Nasceu na Feira o Dr. Aguiar Cardoso e na casa em que vive, ao Montinho, aos 14 de Março de 1862, filho de Silvestre de Aguiar Bizarro que foi musico notavel e Mestre de Capella no Porto, e de sua 2.ª mulher D. Maria Albertina de Souza Cardoso, natural da Villa da Feira. Ao terminar o seu curso na Escola Medico-Cirurgica do Porto, veio fixar residencia na Villa da Feira, onde já seu avô materno João Nunes Cardoso tivera um nome illustre e posição preponderante que bem merecera, pelos seus serviços á Patria e á terra adoptiva onde veio casar com D. Maria Albertina da Gama e Souza, senhora da casa do Montinho, em que reside seu neto. João Nunes Cardoso, tenente-coronel de caçadores 2, foi official da Torre e Espada, condecorado com a cruz n.º 3 da Guerra Peninsular e com as da campanha de Andaluzia e batalha da Victoria, cavalleiro das Ordens de Aviz e da Conceição e presidente da Camara Municipal da Feira.

Bem se comprehende que o filho de Silvestre de Aguiar Bizarro cujo viver passou absorvido pela divina arte de Mozart e de Palestrina que o neto do guerreiro João Nunes Cardoso, seja um homem de arrojadas ideias e de prompta execução que, sob a influencia benefica do delicado espirito

de seu pai, transferiu o talento e actividade dos campos sangrentos de Marte, para os não menos uteis e sempre mais humanitarios, da cultura e orientação dos espiritos.

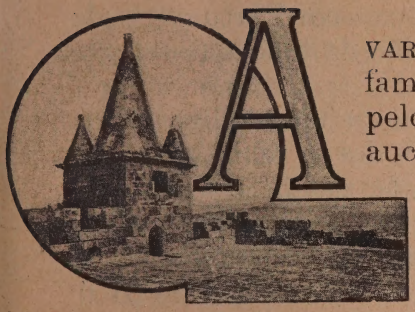
Registando este opusculo os nomes e factos que ao Castello da Feira estão ligados, não poderia quem o escreve esquecer esta homenagem a quem nos ultimos tempos mais e melhor tem luctado pela sua conservação.

PARTE III

III

Os Condes da Feira

Senhores do Castello



AVARONIA da grande e preclara familia dos Pereiras deduz-se, pelo que affirmam os mais auctorisados escriptores da especialidade, do Conde D. Edmundo Rauzona (a quem o Condestavel D. Nuno chamou Munido e o Conde D. Pedro no seu «Nobiliario» D. Mendo) irmão de Desiderio Duque de Istria e depois ultimo rei dos Longobardos, proclamado no anno 756 do nascimento de Christo.

Os Pereiras trazem por armas: em campo vermelho uma cruz de prata florida, vazia do campo, tendo por timbre uma cruz vermelha florida entre duas azas de ouro abertas.

D. Edmundo foi, pelo seu casamento com D. Joanna Romães (sobrinha do rei D. Affonso II «o Casto», de Castella) Conde de Trastamara e tronco de uma prole brilhantissima em que fulge a superhumana figura de Nun'alvares, o forte *Condestabre*. Para o nosso fim não se carece de fazer passar ante o espirito do leitor todas as figuras altivas e de primeira grandeza que constituiram, na peninsula hispanica, a orgulhosa dynastia dos Condes de Trastamara; e basta que se aponte, d'entre os descendentes d'essa velha prosapia, o tronco commum das Casas de Bragança e da Feira que apparece nos fins do seculo XIII.

O Conde de Trastamara D. Gonçalo Rodrigues de Pereira

Foi um dos grandes Senhores que pelos tempos de El-rei D. Diniz houve em Portugal, onde exerceu o cargo de meirinho de todo o reino; cognominaram-no «o Liberal».

É elle o tronco de ramos muito illustres da familia dos Pereiras. De todos o mais brilhante foi decerto o procedente de seu filho legitimo e segundo, o arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, pai do Prior do Crato na Ordem do Hospital D. Alvaro Gonçalves Pereira. Entre os 31 filhos bastardos que d'este ultimo se apuraram, conta-se o grande Condestavel, com cujos descendentes se ligaram todas as casas reinantes da Europa.

O Conde D. Gonçalo Rodrigues de Pereira que foi duas vezes casado, teve de D. Marinha Vasques, «*senhora gallega, mulher solteira, nobre e fermoza*» (Azambuja, tt.° de Pereiras) um filho bastardo, depois legitimado por El-rei D. Affonso IV, de nome:

Ruy Gonçalves Pereira,

que foi senhor de grandes herdades e honrado cavalleiro, tendo-se distinguido muito na batalha do Salado, «*aonde com o Rey D. Affonso IV foi e fez maravilhas em armas*».

Casou com D. Beringella Nunes, filha de Nuno Martins Barreto e de D. Beringella Roiz de Sá, e d'este consorcio proveio:

Ruy Pereira, «o Bravo»

1.º Senhor da Feira

Além de, na sua familia, ser o 1.º donatario da Feira, foi tambem alcaide-mór de Santarem e Senhor de Montargil e da Erra, apontando-se como uma das gloriosas figuras que mais definitivamente cimentaram o throno do Mestre de Aviz.

Destacando-se com decisão intrepida logo na primeira e violenta scena que, por assim dizer, foi o preludio da guerra da independencia, elle foi pouco depois, nos primeiros episodios d'essa prolongada e memoravel lucta, encontrar morte gloriosa, fazendo vingar em momento incerto e bem difficil, a causa da Patria e do seu Rei.

Quando na imaginação dos patriotas começou tomando vulto a necessidade de se afastar do taboleiro politico, por um golpe violento, o Conde de Ourem João Fernandes Andeiro, favorito da rainha D. Leonor Telles, foi o assumpto ventilado entre Nuno Alvares e este seu primo Ruy Pe-

reira (1); e achando-se os dois inteiramente conformes trataram-no com o Mestre de Aviz, ficando resolvido que este désse principio á sua intervenção por esse rasgo de audacia.

De facto, depois de algumas hesitações do mais interessado no golpe, a scena memoravel veio a realisar-se no dia 6 de Dezembro de 1383, no proprio Paço de apar S. Martinho (hoje Limoeiro) onde D. João entrou acompanhado de alguns fidalgos seus partidarios e entre estes Ruy Pereira, pretextando falar á rainha sobre o seu novo cargo de fronteiro do Algarve.

Em dado momento, o Mestre de Aviz que positivamente começava, com este atrevido feito, de escrever na Historia o seu nome glorioso de João Primeiro, conduzindo para o vão d'uma janella o Conde Andeiro, a quem graciosamente disse querer dar algumas palavras, depois de proferidas poucas e em voz baixa, «*sêdo mais tempo de o matar que de o ouvir*» fez lampejar rapido o seu punhal, cambaleando logo o Conde com a cabeça banhada em sangue.

Não sendo, porém, decisivo o golpe e tanto que a odiada victima tentou ainda refugiar-se nos aposentos da rainha, logo interveio o bravo Ruy Pereira que, com a mais prompta decisão, lhe vibrou uma estocada mortal.

Mas onde as excelsas qualidades de Ruy Pereira se manifestaram por fórma inolvidavel, justificando o cognome de «Bravo» e dando-lhe um

(1) A chronica de Nun'alvares, que se attribue a um coevo, chama a este Ruy Pereira tio de Nun'alvares; comprehende-se que possa haver equivoco, tendo existido os dois Ruys Pereira, pai e filho, do mesmo nome.

logar honroso nos fastos épicos da Patria, foi no cêrco de Lisboa, dois annos depois d'aquella scena que se acaba de referir.

O Mestre de Aviz, ferreamente cercado na capital pelos Castelhanos, entre os quaes o seu rei D. João 1.º de Castella se encontrava, via periclitante a sua causa, pela falta de abastecimentos e reforços que esperava dos burguezes do Porto, a quem pelo proprio Ruy Pereira os mandou pedir.

A sempre leal cidade correspondeu generosamente ao appêllo, aparelhando uma esquadra de 17 náus e 17 galés, sendo aquellas commandadas por Ruy Pereira, como capitão da frota, e estas pelo Conde D. Gonçalo (irmão da rainha D. Leonor) com o titulo de almirante, o qual, para acceitar esta missão aliás secundaria, exigiu que o Mestre lhe promettesse todas as terras e bens que eram do apanagio da rainha sua irmã.

Na manhã do dia 18 de Junho de 1385, a esquadra portugueza fez destemidamente a sua entrada no Tejo. Vinham na frente 5 náus e entre ellas a *Milheira* que era a maior e capitanea, trazendo a bordo Ruy Pereira. Logo a seguir as 17 galés, navios principalmente de transporte, comboiados á rectaguarda pelas outras 12 náus.

O vento soprava da barra e por tal era de feição.

No Restello fundeava a esquadra do rei de Castella, muito superior em forças á portugueza que deixou passar, sem lhe impedir o caminho.

Apenas porém os navios portuguezes deixaram pela pôpa a esquadra castelhana, logo esta desfraldou as vélas e, aproveitando o favonio vento, dispunha-se a empolgar rapida e seguramente a frota luzitana.

Foi então que Ruy Pereira ousadamente virou de bordo com as 5 náus da vanguarda, sem preoccupar-se com a desproporção do numero, e só pensando que a salvação das galés era a salvação de Lisboa.

Lançou-se pois com as suas 5 náus da vanguarda no meio das 40 castelhanas e, atacando a capitanea, suspendeu-lhes ao primeiro embate a investida, travando-se depois rija peleja, auxiliada já pelas restantes 12 náus portuguezas.

Entretanto as galés, com o seu precioso carregamento, enfileiravam a salvo sob as muralhas da cidade que assim ficou abastecida e livre de tão difficil aperto.

Ruy Pereira, «o Bravo», afogueado pelo asperrimo trabalho da lucta, ergueu, para respirar mais livremente, a viseira do elmo. Era o momento decretado pela Providencia para cortar-lhe o fio da vida, justamente no ponto mais glorioso d'ella. Um virotão que lhe alcançou a testa prostrou morto na sua náu o impávido heroe, deixando porém de si tão honrada memoria que mereceu a Luiz de Camões os dois seguintes versos, gravados no eterno bronze dos seus *Luziadas:*

> Mas olha Ruy Pereira que co rosto
> Faz escudo ás galés diante posto.

O Mestre d'Aviz perdeu em Ruy Pereira um dos seus mais devotados e heroicos conselheiros que, pouco antes, ao vê-lo atemorisado pela fama do poder do Castelhano e resolvido a deixar o governo de Portugal para refugiar-se em Inglaterra, lhe deu a resposta seguinte que mereceu passar á Historia:

«Senhor: digo-vos de verdade que se quereis ir a Inglaterra para ganhar honra, que bom Lon-

dres é esta cidade de Lisboa, e se vós haveis de ir buscar terras extranhas em que vivais, melhor defendereis estas que foram de vosso pai e avós».

Casou Ruy Pereira com D. Violante Lopes de Albergaria (de quem foi terceiro marido), filha de Lopo Soares «o Moço» e de sua mulher D. Mécia Roiz.

D'este consorcio procedeu:

Alvaro Pereira

1.º Senhor das Terras de Santa Maria

Este filho de Ruy Pereira foi o segundo marechal do reino, dignidade que D. Fernando creou, tendo sido o primeiro Gonçalo Vasques d'Azevedo.

Este mesmo monarcha tinha dado as Terras de Santa Maria, Cabanões d'Ovar e Terra de Cambra a seu cunhado o Conde de Barcellos D. João Affonso Tello, por carta de 27 de Janeiro de 1383, passada em Rio Maior e nos paços que tinham sido de Ruy Garcia do Casal.

Como o Conde D. João Affonso tivesse seguido as partes de Castella, vindo a morrer na batalha de Aljubarrota, logo D. João I de Portugal fez mercê d'aquellas terras a Alvaro Pereira que foi pois na familia dos Pereiras o 1.º Senhor das Terras de Santa Maria, tendo sido seu pai o primeiro donatario da Feira, cabeça d'ellas. «*Foi valeroso cavalleiro e dos que mereceram este nome entre os mais de seu tempo em armas, serviu á sua custa com muitos homens nas guerras ao Rey D. João 1.º de Boa memoria, com o qual se achou na de Aljubarrota*». (Azambuja, tt.º de Pereiras).

Companheiro d'armas de seu primo o grande

Condestavel, teve d'elle Alvaiazere n'aquelle generoso «*repartimento que o Condestabre fez de suas terras, com os cavaleiros & escudeyros que o na guerra servirâ por serviço del Rey.*»

Casou Alvaro Pereira com D. Maria Vasques, filha de Vasco Martins Pimentel e de sua 2.ª mulher D. Maria Gonçalves de Portocarrero. D'ella teve:

João Alvares Pereira

2.º Senhor das Terras de Santa Maria (1424)

e das de Cabanões de Ovar, Terra de Cambra e Refojos de Riba d'Ave, por carta de D. João I dada no Porto a 19 d'Agosto de 1424.

De Refojos não se faz menção na mercê feita ao Conde D. João Affonso, mas da carta de confirmação outhorgada a Fernão Pereira, filho d'este João Alvares, consta que este concelho fôra do Conde D. João Affonso e passára com as outras terras ao marechal Alvaro Pereira.

No anno de 1437 achou-se e distinguiu-se no cêrco de Tanger, com o infante D. Henrique.

Os burguezes do Porto expulsaram violentamente da cidade João Alvares por elle pretender demorar-se n'ella mais tempo do que o permittido pelos seus fóros. Outro tanto aconteceu ao neto, caso mais retumbante que com maior desenvolvimento se referirá a seu tempo.

Casou com D. Leonor Gonçalves (1), filha de Gonçalo Vaz de Mello «o Velho», senhor da Cas-

(1) No anno de 1449 assigna D. Leonor Gonçalves por seu marido e com o nome d'elle um documento, declarando que tal era o seu costume, pois elle não assignava. (João Pedro Ribeiro — «Dissert. Chronolog. e Criticas», vol. IV, parte I, pag. 85-86).

tanheira, Povos, etc., e de sua mulher D. Constança Martins, sendo seu filho e d'este matrimonio:

Fernão Pereira

1.º Senhor do Castello da Feira (1448) e 3.º das Terras de Santa Maria (1453)

A carta de posse d'estas e outras terras, que foram de seu pai, é passada por D. Affonso V em Evora a 6 d'Abril de 1453.

Foi do Conselho de El-rei e por carta de 19 de Novembro de 1448 teve a mercê do Castello da Feira, que se obrigou a «correger, refazer e reparar» *á sua custa,* Castello que antes fôra de João Rodrigues de Sá, «o das Galés», e de seu filho Fernão de Sá, ficando desde então a pertencer de juro e herdade ao novo donatario e seus successores.

Foi pois na sua familia o 1.º Senhor do Castello da Feira.

Acompanhou com seu pai e irmão ao infante D. Henrique no apertado cêrco de Tanger, atraz mencionado, onde o seu valor, honra e valentia foi exemplo dos mais, para alcançarem uma das maiores victorias que os Portuguezes sobre Mouros alcançaram.

Casou duas vezes: a primeira com D. Izabel d'Albuquerque, filha de Pedro Vaz da Cunha, senhor de Angeja, Pereira e Sequins, e de sua mulher D. Thereza de Athayde.

O segundo casamento fez-lh'o El-rei D. Affonso V com D. Maria de Berredo, donzella da Casa da Rainha, por contracto approvado em Lisboa aos 8 de Outubro de 1451. Esta segunda

mulher de Fernão Pereira era irmã de sua nora D. Leonor de Berredo, de quem adiante se fallará.

Do primeiro matrimonio procedeu:

Ruy Vaz Pereira

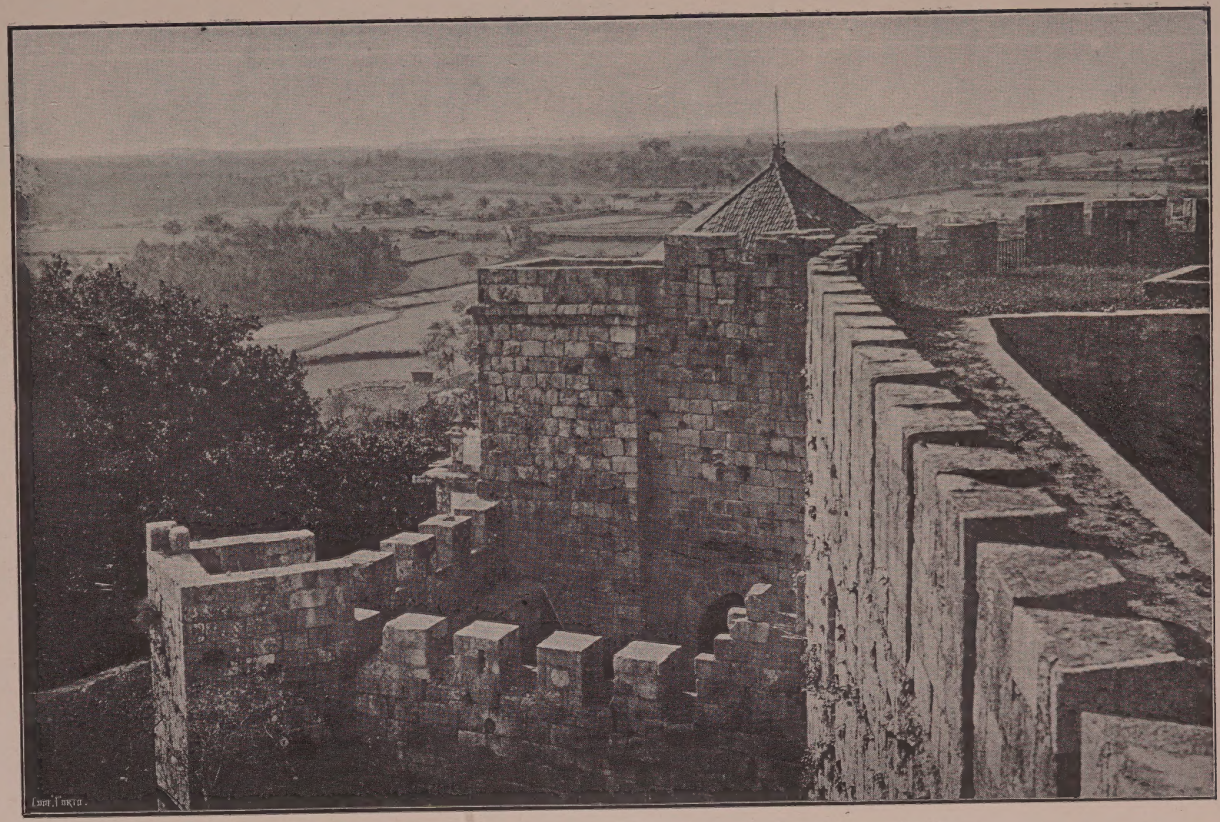
1.º Conde da Villa e Castello da Feira (1452)

Teve primeiramente a mercê do Condado de Moncorvo; mas, porque não fosse do seu agrado o ser Conde com titulo de que outrem já houvesse tido mercê, pediu e obteve que El-rei D. Affonso V lhe mudasse o titulo para Conde da Villa e Castello da Feira, e lhe subrogasse o Castello e Villa com sua jurisdicção em vinculo e cabeça de morgado patrimonial, pelo que o agraciado cedeu ao rei 260$000 réis de juro proprio.

Do segundo titulo se lhe passou carta em Evora aos 14 de Janeiro de 1452.

Sendo Conde de Moncorvo, obteve em 13 de Janeiro de 1443 carta de legitimação passada em Evora a favor de seu filho natural D. João Pereira que já o Santo Padre Martinho V lhe havia legitimado, em virtude da qual foi o dito D. João reconhecido por fidalgo da Casa Real «*havendo nas subcessoens logar como os lidimos onde coubesse sem que se lhe impozesse algum, em que lidimo e de legitimo matrimonio fosse*» a querer preferir-lhe.

Este filho houve-o, quando solteiro, de D. Senhorinha Diz, solteira tambem, filha de João Vaz, de Aveiro, capitão de bésteiros e de sua mulher D. Mayor Diz, neta paterna de Lourenço Vaz, rico-homem, e materna de Affonso Annes, védor de El-rei D. Duarte.



Conjuncto de muralhas que se disfructa de um pequeno cubello

Logo depois do nascimento do filho, foi Ruy Pereira pedir a João Vaz a mão de D. Senhorinha. Profundamente ferido nos seus brios e de orgulho nada accommodaticio, repelliu o pai o vantajoso enlace.

Ruy Pereira tomou o partido da violencia e raptou D. Senhorinha e o filho da casa de João Vaz; mas da fuga se apercebeu este pouco depois e reunindo grande numero de escudeiros e bésteiros, conseguiu alcançar o raptor e a sua gente em Bertufe, proximo a Vallega.

Travada rija peleja, logrou João Vaz haver ás mãos sua filha que logo fez entrar em Santa Clara de Coimbra, onde morreu pouco depois; mas não conseguiu, ou não quiz, impedir Ruy Pereira de levar o filho comsigo para o Castello da Feira, onde foi carinhosamente creado e educado. Mais adiante se voltará a fallar d'este filho a quem, pela tonalidade escura da pelle e pela sua força invulgar, na Côrte denominaram «o Mulato».

Foi Ruy Pereira um valente guerreiro. Esteve com os infantes D. Henrique e D. Fernando no malfadado *palanque* de Tanger (1437), tomou parte brilhante na conquista de Arzila (1471) e praticou esforçados feitos na guerra da Successão a Castella, commandando a vanguarda na batalha de Toro (1476) que se achava ligada ao centro pela divisão do Conde de Faro.

Era tambem Ruy Pereira dotado de genio violento. Assim provocou e entreteve longo conflicto com os burguezes do Porto, cujos privilegios teve a arrogancia de violar, tal qualmente o fizera seu avô João Alvares Pereira.

Tendo feito a sua entrada na cidade em 26 de Maio de 1474, vindo das suas terras de Refojos

de Riba de Ave, com grande multidão de homens seus e acontiados, foi notificado em fórma, no dia 1 de Junho, para se retirar da cidade, visto que pelos fóros do Porto não podia alli permanecer mais do que trez dias.

Negou-se, resistindo tenazmente ás instantes solicitações que a seguir lhe fizeram, entre outros Fernão d'Alvares Baldaia (mais tarde embaixador de D. Affonso V a Luiz XI de França e então vereador) e o bispo do Porto D. João de Azevedo.

Irritados os portuenses, assaltaram-lhe a casa em que pousava na Rua Nova e que era de Leonor Vaz, sua collaça, e lançaram-lhe fogo ás portas que breve se communicou ao edificio.

Reduzido aos extremos de obedecer sahindo ou de morrer queimado, consentiu em sahir, a pedido instante dos vereadores que o puzeram a salvo em Villa Nova de Gaya.

Este facto originou violentas represalias de Ruy Pereira sobre os mercadores portuenses que tinham de atravessar as suas terras e uma longa demanda em que afinal os do Porto levaram a melhor (1).

Outras pendencias teve; e entre ellas, ficou memoravel uma com o Conde de Marialva, iniciada nas côrtes de Evora e depois terminada em lucta entre os dois contendores e os homens de armas de um e outro lado. N'ella se distinguiu um escudeiro de Ruy Pereira, de nome João de Cabanas, a quem elle honrou fazendo-o condeco-

(1) A sedição dos burguezes do Porto, provocada por Ruy Pereira, é optimamente descripta por Arnaldo Gama no seu bello romance «A ultima dona de S. Nicolau».

rar com o habito de Christo e arranjando-lhe nobre casamento com Izabel Tavares. D'estes procedem os Tavares de Cambra de quem descende o actual Visconde de Fijô.

Do genio violento de Ruy Pereira foram victimas tambem os seus vassallos que opprimiu arrogantemente.

Casou em 1456 com D. Leonor de Berredo, donzella da rainha D. Izabel e irmã de sua madrasta D. Maria de Berredo, filhas de Gonçalo Pereira de Riba de Vizella, «o das Armas» (um dos mais valentes soldados do seu tempo como attestou o rei D. Duarte) e de sua mulher D. Maria de Miranda, filha de D. Martinho Affonso, arcebispo de Braga.

Para este casamento o dotou seu pai Fernão Pereira com as Villas e Terras de Cambra e Refojos que tinha de juro e herdade, com suas jurisdicções e com as quintas patrimoniaes de Lordello, Villa Nova e Baçar, com expressa confirmação de El-rei D. Affonso V.

Por morte de seu pai succedeu no senhorio das Terras de Santa Maria e do Castello da Feira, por carta passada em Evora aos 21 de Dezembro de 1467.

O 1.º Conde da Feira Ruy Vaz Pereira «*jazendo em cama de doença que o Senhor Deus aprouve dar-lhe*», fez o seu testamento na Feira e seus aposentos aos 22 de Dezembro de 1480. Manda que o amortalhem «*no habito e sayal do Sarafico S. Francisco*» e que «*se lhe dê sepultura de jazigo*» n'aquelle em que jazia seu «*padre, madre e avô*».

Do seu consorcio com D. Leonor de Berredo, proveio

D. Diogo Pereira

2.º Conde da Feira (1493)

Morreu o 1.º Conde Ruy Pereira declarando no seu testamento as doações que fizera a seu filho D. João Pereira já defuncto, com faculdade régia e que as mesmas confirmava a seu neto D. Alvaro, filho do dito D. João Pereira, para que, como se vivera seu pai, herdasse a casa, titulo e mais prerogativas d'ella.

D. Diogo Pereira não cumpriu as disposições de seu pai e faltou ás promessas que lhe havia feito de metter na posse da casa e titulo da Feira seu sobrinho D. Alvaro, antes pelo contrario de tudo se apossou, pelo que se moveram grandes demandas.

Passados muitos annos de litigios, cuidou El-rei D. João II de concordar as partes, o que conseguiu por juizes; e á face dos seus pareceres, deu sua real determinação, lavrada em Evora aos 21 de Janeiro de 1493, mandando que D. Diogo Pereira houvesse os bens, titulo e casa da Feira de juro e herdade, ficando obrigado, além d'outras clausulas, a pagar annualmente a seu sobrinho D. Alvaro e seus successores a quarta parte do rendimento da dita casa, com a condição de que, acabadas as successões legitimas masculinas do dito D. Diogo, a sua casa passasse com todas as regalias a D. Alvaro ou seus descendentes legitimos ou naturaes; e que só na falta de uns e outros, poderiam succeder n'ella os naturaes de D. Diogo Pereira ou femeas de sua linhagem.

Isto foi confirmado por El-rei D. Manoel a D. Alvaro Pereira e analoga confirmação fez de-

pois D. João III a D. Miguel Pereira Coutinho, filho do sobredito.

Casou o Conde D. Diogo Pereira em 1486 com D. Brites de Menezes, filha de D. João de Noronha, «o Dentes», e de sua mulher D. Joanna de Castro; neta paterna, a mesma D. Brites, do 2.º Conde de Villa Real D. Fernando de Noronha, por sua vez neto dos reis D. Henrique II de Castella e D. Fernando de Portugal.

Fez D. Diogo Pereira o seu testamento nas casas do Castello da Feira a 13 de Março de 1509, fallecendo a 17 de Agosto do mesmo anno.

Do seu consorcio com D. Brites de Menezes procede:

D. Manoel Pereira

3.º Conde da Feira (1511)

Foi o segundo filho d'este nome, tendo o primeiro morrido novo e solteiro.

A sua carta de confirmação da Casa da Feira tem a data de 16 de Abril de 1511; tambem foi do Conselho de El-rei D. Affonso V.

Casou duas vezes. Em primeiras nupcias com D. Izabel de Castro, filha de D. João de Menezes, 1.º Conde de Tarouca, mordomo-mór de El-rei D. Manoel e grão-prior do Crato, e de sua mulher D. Joanna de Vilhena.

Esta D. Izabel falleceu no Castello da Feira em Julho de 1522.

Contrahiu o Conde D. Manoel segundas nupcias com D. Francisca Henriques, já viuva, filha de Antonio de Miranda, senhor do Morgado de Landeira, e de sua mulher D. Ignez da Rosa.

Teve de ambas numerosa descendencia.

Um seu filho natural, D. Leoniz Pereira, no-

tabilisou-se na India, quando, tendo a seu cargo a capitania de Malaca, lhe pôz um apertado cêrco o sultão de Achem em 1567. O valor com que D. Leoniz se defendeu, dispondo apenas de duzentos soldados, mereceu-lhe ser cantado em um soneto por Luiz de Camões.

Esse soneto tem o numero CCXXVIII na collecção do Visconde de Juromenha e termina pelo terceto:

> Oh nymphas cantai pois; que claramente
> Mais do que Leonidas fez em Grecia
> O nobre Leoniz fez em Malaca.

Com a segunda mulher, vendeu o Conde D. Manoel, em 1539, a sua terra de Refojos de Riba d'Ave, cuja cabeça era a villa de Agrella, a Manoel Cyrne, feitor de El-rei em Flandres que obteve confirmação da venda em 2 de Janeiro de 1540.

Falleceu o mesmo Conde em 4 de Outubro de 1552 e foi sepultado, bem como sua primeira mulher D. Izabel de Castro, na antiga parochial de S. Nicolau da Feira. Construida a igreja ou capella-mór do Convento, para ella foram trasladados os Condes e n'ella jazem, do lado do Evangelho, junto dos degraus do altar-mór. O epitaphio do seu tumulo está em parte coberto pelos degraus dos cadeiraes.

Succedeu-lhe o filho do primeiro matrimonio:

D. Diogo Forjaz Pereira

4.º Conde da Feira (1556)

A carta de mercê do seu titulo, com assentamento de 102:854 reaes, teve a data de 17 de

OQVOARTOCODEDAFR
DÕDI:FROIAZP:MADOVFA
ZERESTA·EORELOGIODA
QVELATORENAERADEISGA

Outubro de 1556. Casou com sua prima co-irmã D. Anna de Menezes, filha de João da Silva, 6.º senhor de Vagos e Regedôr das Justiças, e de sua mulher D. Joanna de Castro, filha dos segundos Condes da Feira.

João da Silva e sua mulher repousam na capella-mór do Convento de São Marcos, proximo de Ançã, em formoso tumulo do lado da Epistola e o seu epitaphio de composição elegantissima e austera eloquencia é, sem curar da ortographia que lá poderá vêr-se, o seguinte:

> Se de fé virtude esforço e prudencia, na paz e na guerra, quizerem os vivos imitação, tem aqui um claro espelho em João da Silva filho de Ayres da Silva e de D. Guiomar de Castro sua mulher que no cerco segundo de Arzila, na tomada de Azamor e na batalha de sexta feira de endoenças fez notaveis coisas e n'ellas mostrou ser o chefe da nobre, antiga e esforçada geração dos Silvas. Foi regedôr das Justiças d'estes Reinos quarenta annos, muito a serviço de Deus e com contentamento de trez reis e do povo. Falleceu em Lisboa, com mui certos signaes de salvação de edade de 75 annos, aos 2 dias d'Agosto de 1557.
>
> E assim jaz com elle D. Joanna de Castro sua unica mulher, filha do segundo conde da Feira, uma das mais honradas e valorosas senhoras do seu tempo.

Tiveram os 4.os Condes da Feira uma filha, de nome D. Joanna de Castro como a avó de que resa o epitaphio, a qual logrou prender com os encantos da sua peregrina formosura, o joven rei D. Sebastião, havido como um nevropatha esquivo e arisco para mulheres. Era ella ao tempo a mais linda dama da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, tendo sido o amoroso episodio

muito commentado sobretudo depois de um certo desmaio que teve em dado momento a filha do Conde da Feira.

«*Papagueou-se muito sobre o caso*», diz o Conde de Sabugosa no seu interessante livro = «Donas de tempos idos» = «*e não só as linguas tagarellas da Côrte, mas os despachos dos Embaixadores glosaram o vágado da interessante menina commentando-o cada qual ao seu sabor. Anciedade de uns por verem que indo El-rei já perto dos vinte annos, era de grande vantagem casar-se; e procuravam parallelo no caso do Rei de França Henrique III que por esse tempo casara com a filha d'um vassallo. Inveja em outros que já viam a linda filha do Conde da Feira sentar-se no throno de Portugal. Curiosidade em muitos que desejavam conhecer até que ponto o frio e ruivo cavalleiro coroado fôra causa da significativa vertigem n'aquella merenda do Paço de Xabregas.....*».

D. Joanna de Castro «*nunca quiz casar. Levou ao tumulo o segredo do seu amor, e d'aquelle significativo desmaio que ficará indefinidamente na tradição*».

O Conde D. Diogo Forjaz Pereira, com dinheiro do dote de sua mulher e carta de licença de El-rei D. João III passada em Evora a 1 de de Fevereiro de 1536, comprou a terra de Pereira Juzão e couto de Cortegaça a D. Luiz de Castro, com todos os direitos reaes e jurisdicção, de juro e herdade, para ficar em morgado patrimonial.

Em 6 de Maio de 1500 lançaram os Condes a primeira pedra do convento do Espirito Santo de frades loyos da Villa da Feira, cuja capella-mór mandou fazer á sua custa, pela fórma grandiosa que ainda hoje póde admirar-se, a neta dos fundadores, D. Ignez de Castro que adiante se mencionará.

Foi o Conde D. Diogo que mandou lavrar a

interessante pedra d'armas de que se fallou na parte I quando se tratou da «Barbacã».

Jaz na capella-mór do convento, junto dos degraus do altar-mór e do lado da Epistola, sendo já fallecido em Junho de 1579.

*
* *

Dos 4.os Condes foi filho primogenito D. Manoel Pereira que morreu em vida de seu pai e que por tal motivo não chegou a herdar a casa nem o titulo. Casara, porém, com D. Joanna da Silva, filha de D. João de Menezes e de D. Margarida da Silva, senhores de Cantanhede.

D. Joanna da Silva foi, segundo o testemunho do linhagista Amado de Azambuja, «*hua das mayores Heroinas do seu tempo, famosa em letras Devinas e humanas, senhora de talento raro que ademirava e deu que entender aos mayores letrados de seu tempo e tudo com as grandes virtudes de sua pessoa; era venerada e estimada por todos*».

Dos filhos d'este casal interessam os seguintes para o intento d'este trabalho:

a) D. Diogo Pereira que herdou a casa, mas não chegou a ser conde, como adiante se verá;

b) D. João Pereira que succedeu a este seu irmão, e veio a ser o 5.º Conde da Feira;

c) D. Ignez de Castro que á sua custa mandou construir grandiosamente a capella-mór do convento, a qual, por isso, ostenta no alto do seu arco principal o brazão coroado dos Pereiras.

O primogenito, D. Diogo Pereira, succedeu a

seu avô o 4.º Conde D. Diogo na posse da grande Casa da Feira que já disfructava em 13 de Novembro de 1581, mas sem o respectivo titulo.

Andando em Madrid para requerer o encarte perante D. Filippe II de Hespanha e I de Portugal, foi assassinado de noite em sua casa com uma estocada.

Deixou gravida sua mulher D. Iria de Brito, filha herdeira de João de Brito e de sua mulher D. Guiomar de Athayde. O filho posthumo morreu infante, pelo que se declarou vaga a Casa da Feira (1).

Dada a falta de successor varão legitimo, parece que deveria ter passado a Casa ao representante do ramo de D. João Pereira (o bastardo legitimado do 1.º Conde Ruy Pereira) em harmonia com a sentença dada em 1493 por D. João II, atraz mencionada.

Não aconteceu, porém, assim, pois quem succedeu no Condado e Senhorio da Casa da Feira foi:

D. João Forjaz Pereira

5.º Conde da Feira (1595)

Filho segundo de D. Manoel Pereira e irmão d'aquelle D. Diogo Pereira assassinado em Madrid, de quem se acaba de tratar, este D. João prestou notaveis serviços na India, sendo capitão de Ormuz e de Malaca. Foi tambem do Conselho de El-rei.

Voltando no anno de 1594 para o continente,

---

(1) A viuva passou a segundas nupcias com D. Francisco Manoel, 1.º Conde de Atalaia.

topou com cinco vélas inglezas que, por andarem na guerra contra os reinos de Portugal e Hespanha, pretenderam aprisionar a náu em que vinha D. João Pereira a qual trazia pouca gente. Pelejaram trinta e cinco dias, comportando-se D. João valorosamente e tomando-lhes uma urca flamenga que traziam roubada.

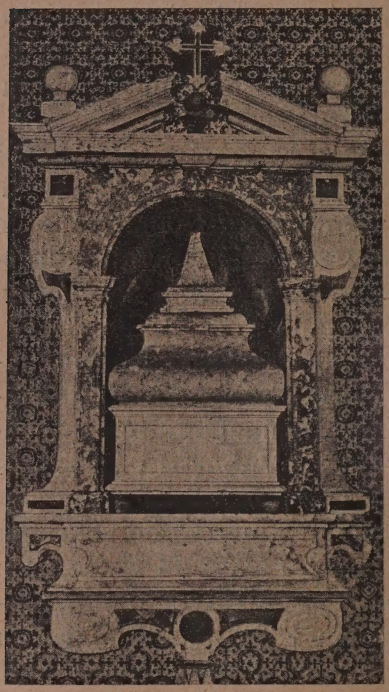
A sua entrada em Lisboa foi triumphal; e o cardeal Alberto, archiduque de Austria, sobrinho do rei D. Filippe e por elle governador de Portugal, muito o felicitou e festejou.

Por estes e outros serviços lhe fez mercê D. Filippe I, por alvará de 22 de Julho de 1595, dos bens da Casa da Feira, vagos por morte de seu sobrinho e, no mesmo anno, o nomeou capitão-mór das náus que ás Ilhas deveriam n'esse verão, ir esperar as náus da India.

Casou o Conde com D. Maria de Gusmão, filha dos 1.os Condes de Villa Franca D. Ruy Gonçalves da Camara e D. Joanna Blasuet, descendente de Filippe Blaesuelt, senhor de Limale e de Bierge em Flandres. Como d'este matrimonio apenas houvesse uma filha, tratou o Conde D. João de lhe assegurar a herança da Casa da Feira para o que obteve por uma vez, em favor d'ella, dispensa da Lei Mental. E em 1608 obteve dispensa da mesma lei por mais duas vidas sem contar a de sua filha. Em 1618 foi nomeado vice-rei da India, para onde partiu com uma armada de quatorze vélas (seis náus e oito galeões) em 29 de Março d'aquelle anno.

Morreu na viagem aos 15 de Maio seguinte. O seu cadaver foi conduzido para Lisboa e depositado no convento de Xabregas, d'onde os seus conegos o trouxeram ao da Feira por ordem da Condessa viuva D. Maria de Gusmão.

Fizeram-se recentes investigações na igreja da Feira para averiguar o paradeiro dos restos mortaes d'este heroe. Nas paredes lateraes da capella-mór existem anichadas duas vistosas urnas de marmore sem inscripções. Uma está vazia e na outra encontra-se uma ossada, tendo a caveira d'ella a particularidade de ter o craneo serrado por fórma a poder-se levantar a parte superior e observar-se a caixa craneana.



Urna, na igreja matriz, onde se encontra a ossada que se entende ser do Conde D. João Pereira

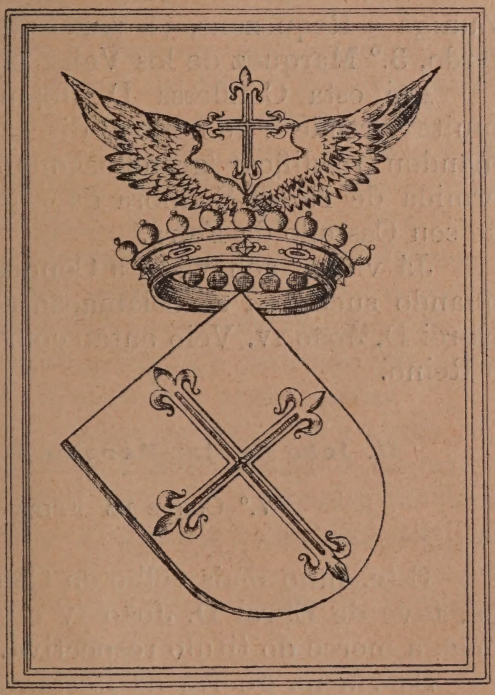
Todo o esqueleto se acha muito bem conservado e como se tivesse sido macerado, tal como é de uso para esqueletos de estudo. É provavel que tendo fallecido D. João Pereira em viagem, tomassem o expediente de macerar o cadaver para conservarem o esqueleto, por não dispôrem de meios para o embalsamarem. Natural era que os frades déssem a tão importante personagem um logar de honra na sua igreja; e tendo as urnas devolutas, decerto escolheriam uma d'ellas para o repouso de D. João Pereira. Assim poderá concluir-se que será de D. João Pereira a ossada que se encontra na

capella-mór, na urna que está do lado do Evangelho.

D. Joanna Forjaz Pereira de Menezes e Silva

6.ª Condessa da Feira (1620)

Filha unica, como se disse, do 5.º Conde, teve por D. Filippe II a mercê das terras de seus ascendentes por carta passada em Lisboa aos 12 de Outubro de 1620, com nova confirmação em 15 de junho de 1630. O mesmo rei pretendeu casa-la com D. Antonio Pereira, seu tio paterno, para que se conservasse a varonia antiquissima da Casa da Feira.



Brazão dos Condes da Feira, como se encontra desenhado no precioso codice «Tropheos Lusitanos» (anno 1631), do P.e Antonio Soares de Albergaria, existente na Bibliotheca Publica Municipal do Porto.

D. Antonio seguira a vida ecclesiastica e, não tendo mais do que ordens menores, foi Inquisidor em Lisboa. Chegou a abandonar os habitos ecclesiasticos, na ideia de casar com a Condessa sua sobri-

nha, a quem fortemente repugnava, porém, tal matrimonio.

O tio já velho e o rei D. Filippe, movidos pelas justas razões adduzidas por D. Joanna, casaram-na então com D. Manoel Pimentel que foi Mestre de Campo General em Flandres, castellão de Anvers, 9.º filho de D. João Affonso Pimentel 8.º Conde de Benavente e de Mayorca, grande de Hespanha, vice-rei de Valença e de Napoles, Mordomo-mór da rainha D. Izabel de Bourbon, etc., e de sua segunda mulher D. Mécia de Zuniga e Requezens, já viuva de D. Pedro Fajardo, 3.º Marquez de los Velez y Molina.

Foi esta Condessa D. Joanna, senhora de muita virtude e de notavel discernimento, quem mandou reedificar grandiosamente, em 1656, a ermida de Nossa Senhora da Encarnação, junto ao seu Castello da Feira.

Já viuva, achava-se a Condessa em Castella quando succedeu a acclamação em Portugal de El-rei D. João IV. Veio então com seus filhos para o Reino.

D. João Forjaz Pereira Pimentel

7.º Conde da Feira

Este, filho mais velho da Condessa D. Joanna, teve de El-rei D. João IV e em vida de sua mãe, a mercê do titulo respectivo.

Serviu na guerra da Restauração, alcançando, muito novo ainda, o posto de general e foi governador das armas de um dos partidos da Provincia da Beira.

Casou com D. Maria de Faro, filha e herdeira dos 7.os Condes de Odemira, D. Francisco de Faro

e Noronha e D. Maria da Silva, mas não teve successão.

Morreu ainda novo e sem descendencia aos 4 de Junho de 1660, succedendo-lhe seu irmão:

D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel de Menezes e Silva

8.º Conde da Feira

(Succedeu na casa em 1660)

Destinava-se á carreira ecclesiastica, chegando a tomar ordens menores. Só com ellas, o nomeou a rainha regente, na menoridade de D. Affonso VI, D. Maria Luiza, Dom Prior da Collegiada de Guimarães, alto cargo que se achava vago pelo fallecimento de D. João Lobo de Faro.

Foi n'esta dignidade o 48.º titular. Mas dezesete dias depois do provimento, deu-se a morte de seu irmão, o 7.º Conde da Feira, sem descendencia, pelo que abandonou o priorado para succeder na grande casa de seus ascendentes.

Além de 8.º Conde da Feira, era senhor do Morgado da Villa de Pereira Juzão e Couto de Cortegaça, das Coutadas e Jurisdicções da Villa de Ovar, das Villas de Macieira de Cambra e Castanheira, dos Morgados de Vagos com seus padroados, Commendador de S. Pedro de Torrados na Ordem de Christo, etc.

Casou a 8 de Setembro de 1664 com sua prima D. Vicencia Luiza Henriques, filha e herdeira de Pedro Cezar de Menezes, Commendador de S. Salvador do Minho da Ordem de Christo, Governador de Angola, do Conselho de Guerra, etc., e de sua mulher e sobrinha, D. Guiomar Francisca Henriques.

Não foi venturoso este casamento porque D. Fernando, de facto separado de sua mulher, levava na Villa da Feira, onde habitualmente residia, uma vida assaz libertina. Porém, quando morreu, em 15 de Janeiro de 1700, estava com ella em boas relações e moravam em Lisboa na mesma casa.

Descendencia do 8.º Condé, D. Fernando Forjaz

Não teve o Conde geração legitima, mas apontam-se-lhe doze bastardos (5 varões e 7 femeas) havidos na constancia do matrimonio em quatro mulheres, pelo menos, sendo uma d'ellas «*muito branca*», sua parente por varias linhas fóra do 4.º grau, «*mulher nobre e principal*» da Feira.

Chamava-se esta D. Anna Maria de Viveiros Freire, era da antiga Casa de Justas, hoje extincta, filha legitima de Feliciano Leitão Coelho e de D. Maria Coutinho de Almeida.

Das quatro filhas que d'ella houve o Conde D. Fernando, casaram duas nobremente e professaram as restantes.

As que casaram foram: D. Maria de Gusmão Forjaz Pereira com Antonio Barreto de Menezes, senhor da Quinta do Sol no Concelho de Villa Verde, e D. Joaquina de Menezes (reconhecida e legitimada por carta régia de 6 de Agosto de 1720) com Jorge de Cabedo e Vasconcellos Sardinha da Cunha, fidalgo de Setubal, avô do 1.º Barão do Zambujal.

D'estas senhoras procedem os unicos descendentes conhecidos de D. Fernando Forjaz, contando-se entre os de D. Maria de Gusmão a Joa-

Portão do Paço dos Condes

quim Augusto Barreto Pimentel que foi Juiz de Direito, Governador Civil de Vianna, do Conselho de Sua Magestade, fallecido na sua Quinta de São Martinho, freguezia de S. Martinho da Gandara em Ponte do Lima, em Janeiro de 1917; e entre os de D. Joaquina de Menezes, o tenente José Bruno de Cabedo e a Marqueza de Reriz D. Maria Margarida de Cabedo e Lencastre.

Dos filhos restantes do Conde D. Fernando, não consta que houvesse geração.

Elle poderia talvez ter conseguido que a Casa da Feira continuasse por alguns dos seus bastardos. Diz-se, porém, que a Condessa impediu sempre as diligencias n'este sentido por julgar que ella viria a pertencer a seu sobrinho Vasco Fernandes Cezar, que foi alferes-mór do Reino, vice-rei do Estado da India, depois do Estado do Brazil e mais tarde 1.° Conde de Sabugosa por El-rei D. João v.

Litigio sobre a successão na Casa da Feira

Fallecido como já se disse sem descendencia legitima em 1700, o 8.° Conde D. Fernando, logo de posse dos seus bens se metteu D. Miguel Pereira Coutinho, representante de D. João Pereira, o filho bastardo legitimado do 1.° Conde da Feira.

D'esta posse elle convenceu em Juizo D. Guiomar Francisca Henriques e sua filha a Condessa da Feira viuva D. Vicencia Luiza Henriques, continuando depois o litigio com os procuradores da Corôa e do Infantado: com este por have-lo esbulhado da sua posse, não obstante os seus protestos, por intermedio do provedor da co-

marca de Esgueira; com aquella pela cessão da Casa da Feira á serenissima do Infantado, feita por El-rei D. João v em 10 de Fevereiro de 1708.

Dava-se o caso de ter o monarcha disposto da Casa da Feira, como se ella tivesse vagado para a Corôa, facto que negava, com os seus documentos na mão, D. Miguel Pereira Coutinho. Seguiu o litigio seus tramites sem que este fidalgo podesse vêr-lhe o fim, pois falleceu antes da causa terminar, julgando-se, contra seu filho D. Alvaro Pereira Forjaz Coutinho, improcedentes os embargos postos á sentença proferida no Juizo dos Feytos da Fazenda e Corôa que decretou tomada indevidamente por D. Miguel Pereira Coutinho a posse dos bens Reaes e jurisdicionaes da Casa da Feira.

Escreveu um genealogista coevo que o fiado partiria pelo mais fraco e assim aconteceu, parecendo, porém, que a Justiça estava fóra de si propria quando proferiu a sentença expoliadora.

D. Miguel Forjaz Coutinho

9.º Conde da Feira (1820)

Um bisneto de D. Alvaro Pereira Forjaz, de nome D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá e Rezende, teve uma reparação tardia e muito deficiente com a concessão, por decreto de 13 de Maio de 1820, do titulo méramente honorifico de Conde da Feira.

Este Conde, o nono, que na Historia figura apenas com o seu nome civil, foi elevado em 1806 a brigadeiro e encarregado da inspecção geral das Milicias do Reino. Quando em 1807 a Familia Real partiu para o Brazil foi nomeado secretario

Ex-libris do 9.º Conde da Feira

do governo no impedimento do Conde de Sampayo e mais tarde secretario da Regencia e encarregado dos negocios da guerra e estrangeiros, alto cargo em que prestou valiosos serviços ao seu paiz. Foi promovido a marechal de campo em 1808, a tenente-general em 1812 e por occasião da outhorga da Carta Constitucional teve a nomeação de Par do Reino.

Usou ex-libris composto e gravado com excepcional bom gosto e pericia, como poderá imaginar-se pela sua reproducção feita n'este livro, com chapa devida á gentileza do senhor Armando Joaquim Tavares, editor da Revista de Ex-libris Portuguezes.

Esta obra interessantissima, dirigida com a maior proficiencia pelo senhor Conde de Castro e Solla, traz no seu primeiro volume a paginas 41 o mesmo ex-libris acompanhado de um artigo que lhe diz respeito, em que se encontra noticia sobre o Condado da Feira e especialmente sobre o Conde D. Miguel Pereira Forjaz.

Diz-se n'esse artigo que não é de seguir a opinião d'aquelles que affirmam ter sido Ruy Pereira, Conde de Moncorvo, antes de o ser de Santa Maria da Feira (aliás e com exactidão da Villa e Castello da Feira) porque de tal condado nada dizem os documentos.

A verdade porém, é que na carta de perfilhação concedida por El-rei D. Affonso v em Evora, aos 13 de Janeiro de 1443, a D. João Pereira «o Mulato» filho do mencionado Ruy Pereira, é este ultimo tratado por Conde de Moncorvo.

Egualmente em uma carta de doação feita a D. João Pereira por seu pae na «*Villa de Vimarons*», na éra de Christo de 1449 aos 13 de Maio, é o mesmo Ruy Pereira (n'este documento cha-

ma-se-lhe Rodrigo) da mesma fórma tratado por Conde de Moncorvo.

A certidão d'estes documentos, extrahida do Archivo do Estado de Bragança, foi apresentada por D. Alvaro Pereira Coutinho em demanda que trouxe com Luiz Cezar de Menezes, herdeiro da Condessa da Feira D. Vicencia Luiza Henriques.

Tambem se diz no mesmo artigo que D. Fernando Forjaz foi nono Conde da Feira.

Ha confusão; como atraz ficou explicado este Conde foi o oitavo e ultimo da sua linha.

Voltando a D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá Rezende: casou duas vezes, de nenhum dos matrimonios teve geração e falleceu aos 6 de Novembro de 1827.

Ascendencia de D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho

9.º Conde da Feira

A sua ascendencia até D. João Pereira, filho do 1.º Conde da Feira, deduz-se pela maneira seguinte:

Era filho de D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho moço-fidalgo, do conselho de El-rei, governador e capitão-general da Madeira (de 1781 a 1789, anno em que falleceu na madrugada de 30 de Março), etc., e de sua mulher D. Luiza Thereza Antonia da Camara e Menezes, filha herdeira de D. João Manoel de Menezes, moço-fidalgo e senhor do morgado de Argemil e de sua mulher D. Maria Rosa da Camara.

Neto paterno de D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho moço-fidalgo, coronel de cavallaria, se-

nhor dos coutos de Freiriz e Penagate, etc., e de sua mulher D. Angela Joanna de Mello e Lencastre, filha dos 3.os Viscondes d'Asseca.

Bisneto pela varonia de D. Alvaro Pereira Forjaz Coutinho escudeiro-fidalgo e moço-fidalgo, senhor do morgado da Redinha, etc., e de sua mulher D. Ignez Antonia Barreto de Sá por quem vieram a esta familia os coutos de Freiriz e Penagate que continuaram nos seus descendentes até ao Conde D. Miguel Pereira. Foi D. Antonia filha herdeira de Fernão Nunes Barreto, senhor dos mesmos coutos e de sua mulher D. Joanna de Sá de Miranda.

Terceiro neto pela varonia de D. Miguel Pereira Coutinho, que serviu com distincção na India e de sua mulher e sobrinha D. Maria Pereira Coutinho, filha de seu irmão D. Alvaro Pereira e de sua mulher D. Catharina de Abreu.

Quarto neto por varonia de D. Alvaro Pereira Coutinho escudeiro-fidalgo, professo na Ordem de Christo e de sua 3.ª mulher D. Justina de Faria, filha de Antão Carôto, Desembargador dos Aggravos, e de sua mulher D. Leonor de Faria.

Quinto neto por varonia de D. Miguel Pereira Coutinho, «o Chita», escudeiro-fidalgo, senhor da casa de seu pai e de sua 1.ª mulher D. Maria de Castilho, filha de João de Castilho, o velho, de Thomar, e de sua 2.ª mulher D. Maria Fernandes de Quintanilha, senhores do morgado do Rol.

Sexto neto pela varonia de D. Alvaro Pereira Coutinho escudeiro-fidalgo, senhor entre outros bens do morgado instituido por sua mãe com bens na Villa da Feira entre o Castello e a azinhaga, casas grandes na Praça e quintas do Zambujal e

Ferrador, e de sua mulher D. Maria de Faria, filha herdeira de Francisco Pestana, Juiz da Balança da Casa da India e de sua mulher D. Brites de Faria.

Setimo neto, finalmente, ainda pela varonia, de D. João Pereira «o Mulato», (filho bastardo do 1.° Conde da Feira) commendador do Pinheiro na Ordem de Christo, e de sua mulher D. Leonor Coutinho, filha de Lourenço Pires de Tavora, senhor de Ranhádos e do morgado de Caparica e de sua mulher D. Maria Telles de Menezes, filha dos 2.os Condes de Marialva.

D. Antonio José de Almada e Lencastre

(Souto d'El-rei)

ACTUAL REPRESENTANTE DO 9.° CONDE DA FEIRA (1917)

Quasi toda a gente que se interessa pela linhagem dos Pereiras da Casa da Feira, pergunta quaes são actualmente os mais proximos parentes dos dois ultimos Condes.

Pelo que respeita a D. Fernando Forjaz já ficou registado que não teve descendencia legitima e da illegitima apontaram-se os descendentes.

Com referencia ao Conde D. Miguel Pereira não teve geração legitima e não consta que a houvesse illegitima.

Teve porém uma irmã que lhe herdou a Casa, de nome D. Maria do Monte Forjaz Pereira Coutinho que casou com o 3.° Visconde de Villa Nova do Souto de El-rei João Pedro de Almada Lencastre e Camões.

D'estes nasceu o 4.° Visconde do mesmo ti-

tulo Antonio José de Almada Mello Velho Lencastre de Carvalho da Fonseca Castro e Camões, alcaide-mór de Palmella, que foi casado com D. Maria José Infante de Lacerda Castello Branco.

Tiveram filho Nuno José de Almada e Lencastre, representante da sua familia que não se encartou no titulo dos seus ascendentes; casou com D. Maria Anna Ximenes de Azevedo e Lencastre.

D'ella teve seis filhos dos quaes o primogenito D. Antonio José de Almada e Lencastre (que usa o tratamento de Dom como, segundo informam, já fizera seu pai) actualmente representa a sua familia e por consequencia o nono Conde da Feira D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá e Rezende, n'este anno de mil novecentos e dezesete.

*

* *

A seguir encontra-se um schema do parentesco do mesmo Conde com os senhores das Casas de Souto d'El-rei, Bertiandos e Ramalde e para que se ajuize dos esforços dispendidos até Dezembro de 1916 pela *Commissão de vigilancia pela guarda e conservação do Castello da Feira*, e da orientação d'elles no desempenho da sua missão, egualmente se publica a conta geral da receita e despeza desde a sua installação até aquella época, apresentado pelo dignissimo e benemerito secretario d'ella a snr. Dr. Antonio Augusto d'Aguiar Cardoso.

Parentesco das pessoas abaixo mencionadas com o 9.º Conde da Feira D. Miguel Pereira Forjaz:
Casas de Souto d'El-rei de Bertiandos e de Ramalde.

D. Alvaro Pereira Forjaz Coutinho
c. c.
D. Ignez Antonia Barreto de Sá
(Vide pag. 107)

D. Miguel Pereira Forjaz
c. c.
D. Angela Joanna de Mello e Lencastre

D. Joanna M.ª de Tavora Per.ª Forjaz Cout.º
c. c.
Silverio da Silva da Fonseca
||
Manoel Pedro da S.ª da Fonseca
c. c.
D. Antonia Rita de Bourbon
||
Pedro da Silva da Fonseca de Bourbon Noronha Manoel e Portugal
c. c.
D. Anna M.ª Fr.ca da Silveira Leite
||
Pedro da Silva da Fonseca da Cerveira Leite
c. c.
D. Maria do Carmo da Silva
||
Pedro da Silva da Fonseca da Cerveira Leite
c. c.
D. Marianna da S.ª Freitas Cyrne de Souza
||
D. Maria da Conceição Cyrne de Bourbon
c. c.
D. Fernando de Tavares e Tavora
||
D. Bernardo Pedro M.ª Fernando de Tavares, nascido na Feira aos 13 de Janeiro de 1909.

D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho
c. c.
D. Luiza de Menezes

D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, 9.º Conde da Feira
s. g.

D. Maria do Monte Forjaz Pereira
c. c.
João Pedro de Almada Lencastre, 5.º Visconde de V.ª N.ª do Souto d'El-rei
||
Antonio José de Almada, 4.º Visconde do Souto d'El-rei
c. c.
D. Maria José Infante de Lacerda
||
Nuno José de Almada e Lencastre
c. c.
D. Maria Anna Ximenes de Azevedo
||
D. Antonio José de Almada e Lencastre, solteiro em 1917

D. João Pereira Forjaz Coutinho
c. c.
D. Catharina d'Eça Montenegro
||
D. M.ª Angelina Senhorinha Per.ª Forjaz
c. c.
Damião Pereira da Silva
||
Gonçalo Per.ª da S.ª, 1.º Conde de Bertiandos,
c. c.
D. Thereza Telles da Silva
||
D. Joanna M.ª Pereira da Silva, Condessa de Bertiandos,
c. c.
Sebastião Correia de Sá
||
Gonçalo Pereira da Silva, 3.º Conde de Bertiandos,
c. c.
D. Anna de Bragança
s. g.

Commissão de vigilancia pela guarda e conservação do Castello da Feira

Conta geral da receita e despeza desde a installação da Commissão, que teve logar em Novembro de 1909 até Dezembro de 1916

RECEITA			DESPEZA		
Subscriptores por mensalidades [1]			**Com obras**		
Fortunato da Fonseca Menéres	43$00		Reconstrucção do paredão do Nascente	111$55	
Dr. Antonio Augusto de Aguiar Cardoso	43$00		» da muralha do Poente	260$00	
Antonio Bernardo Coimbra	43$00		» do paredão do Sul	53$00	
Benjamim Correia de Pinho	43$00		Construcção de escadas	15$11	
Dr. Eduardo Vaz de Oliveira	43$00		Reparação da face poente da torre	46$00	
D. Fernando de Tavares e Tavora	43$00		» dos corucheus, forno e fonte	27$00	
Dr. Gaspar Moreira	43$00		» da barbacã e outras	67$00	
João Antonio de Andrade	43$00		» das sentinas e casamata	6$65	
Dr. Victorino J. Correia de Sá	43$00		» de muralhas interiores	38$89	
Dr. João Pereira de Magalhães	31$00		Esgôto de aguas do pateo	30$00	
Dr. Candido A. Correia de Pinho	24$00		Vedações do poço e cisterna	17$77	
Caetano Fernandes de Oliveira	24$00		» da escada do poço	6$43	
Antonio S. Villa Nova	24$00		» das escadas da esplanada	8$34	
José Candido Marques de Azevedo	24$00		Passadiço para o forno	23$34	
Manoel Maria Correia de Sá	22$50		Desentulhos e ensaibramento	18$14	
Dr. Abel Correia de Pinho	22$00		» do poço	20$29	
Dr. Elysio de Castro	20$00		Limpezas várias	10$85	
Alexandre Brandão	18$00		Pintura de portas, escadas, etc.	2$93	
Padre João Rebello	12$00		Placas de ferro esmaltado	5$15	768$44
Saul Rebello Valente	12$00	620$50	**Com o guarda**		
Ex-subscriptores mensaes			Vencimentos	150$53	
Dr. Antonio Toscano S. Barbosa	6$00		Fardamento	17$31	
Francisco Maciel Ferraz de Lima	15$50		Aluguer de casa	71$20	230$04
Dr. Henrique Vaz Ferreira	6$00		**Com o expediente**		
Dr. Manoel A. Correia Bandeira	19$00		Papel, livro, sêllos	3$19,5	
Dr. Roberto Alves de S. Ferreira	16$50		Impressão de circulares	5$44	8$63,5
Visconde do Reboleiro	19$00		**Vária**		
Hermenegildo Correia de Sá (fallecido)	33$00	115$00	Ao cobrador	39$56	
Subscriptores extraordinarios			Gratificação a dois guardas	$60	
Adão Rodrigues	2$50		Photographias do Castello	4$80	
Alexandre Brandão	63$16		Carros a visitantes officiaes	2$50	
Candido Alves	5$00		Acquisição de postaes	112$61	160$07
Dr. Chrispim T. Borges de Castro	20$00				
Conde de S. Thiago de Lobão	10$00				
João Alves Moreira	50$00				
José Antonio Silva Pires	5$00	155$66	Saldo que passa para 1917		193$50
Proveniencia vária					
Saldos de festas, etc.	284$88,5				
Venda de postaes	193$64	478$52,5			
Somma		1.369$68,5	Somma		1.369$68,5

(1) A Commissão é composta de todos aquelles individuos que figuram no 1.º grupo e que são *subscriptores permanentes por mensalidades.*

Visto.

O presidente — *Fortunato da Fonseca Menéres.*
O thesoureiro — *Antonio Bernardo Coimbra.*
O fiscal — *J. A. de Andrade.*
O secretario — *A. A. de Aguiar Cardoso.*

INDICE

Pag.

Razão do livro 7

PARTE I

Descripção do Castello 11
Barbacã 12
Poterna e cêrca 14
Paço ou alcaçar dos Condes. 15
Fonte brazonada. 15
Tumulos. 16
Sentinas. 17
Terrapleno do Norte e galeria do Paço dos Condes 18
Terrapleno do Poente (o texto por lapso diz Sul) 19
Casamata 20
Terrapleno do Sul 21
Torre de menagem 22
Cisterna interior e aqueducto 23
Andar médio e seus pormenores 24
Eirado 26
Cubellos. 27
Balhesteira. 28
Grande poço e escada de caracol subterranea 28
Galeria coberta 31
Pateo da «Porta da Traição» 31
Terrapleno do Nascente (o texto por lapso diz Sul) 32
Ruinas indecisas. 33
Capella do Castello. 34

PARTE II

Historia do Castello da Feira

Considerações sobre a época da sua fundação 39
Época romana. 42
O Castello de Santa Maria na «Chronica Gothorum» 44
Flacencio, alcaide do Castello em 1093 45
O Castello da Feira por D. Affonso Henriques (1128) 45
Disposições do testamento de D. Sancho I referentes ao Castello (1226?) 46
O Foral Velho da Terra de Santa Maria e o Castello (1251) . 46

PAG.
A rainha Santa Isabel donataria do Castello (1300) 48
Tomada do Castello pelo infante D. Affonso (1323) 49
Mercê do Castello a Gonçalo Garcia de Figueiredo (1357) . 49
O Castello por D. João I de Castella (1383) 51
Tomada do Castello para D. João I de Portugal (1385) . . . 52
Mercê do Castello a João Rodrigues de Sá, o das Galés . . 53
Mercê do Castello, de juro e herdade, a Fernão Pereira (1448). 54
Ruy Vaz Pereira, 1.º Conde da Villa e Castello da Feira (1452). . . . . 55 e 86
D. Manoel I no Castello (1502). 56
Morte, no Castello, do inquisidor Fr. Rodrigo da Madre de Deus (1553) 57
Obras do 4.º Conde, D. Diogo (1557). 58
D. Antonio, Prior do Crato, e a artilharia depositada no Castello (1580). 59
A 6.ª Condessa, D. Joanna manda reedificar a capella do Castello (1656). 60
Desterro, para o Castello, de D. Sebastião Cesar de Menezes (1666). 61
O 8.º Conde, D. Fernando, engrandece o alcaçar 62
D. Pedro II intégra a Casa da Feira na do Infantado . . . 64
Incendio no Castello (1722). 64
Decadencia do Castello 65
Effeitos no Castello do terremoto de 1755 66
Arrematação em hasta publica, como bens do Infantado, dos terrenos a annexos do Castello (1837). 66
D. Fernando II e seus filhos D. Pedro e D. Luiz visitam o Castello (1852) 67
D. Manoel II visita o Castello (1908) 68
Bemfeitorias 68
Creação da Commissão de Vigilancia (Novembro de 1909) . 71

PARTE III

Os Condes da Feira

Os Pereiras senhores do Castello. 77
O Conde de Trastamara D. Gonçalo Rodrigues de Pereira . 78
Ruy Gonçalves Pereira 79
Ruy Pereira, «o Bravo», 1.º senhor da Feira 79
Alvaro Pereira, 1.º senhor das Terras de Santa Maria . . . 83

PAG.

João Alvares Pereira, 2.º senhor das Terras de Santa Maria (1424). 84
Fernão Pereira, 1.º senhor do Castello da Feira e 3.º das Terras de Santa Maria. 85
Ruy Vaz Pereira, 1.º Conde da Villa e Castello da Feira (1452). . . . . 86 e 55
D. Diogo Pereira, 2.º Conde da Feira (1493). 90
D. Manoel Pereira, 3.º Conde da Feira (1511) 91
D. Diogo Forjaz Pereira, 4.º Conde da Feira (1556) 92
D. João Forjaz Pereira, 5.º Conde da Feira (1595). 96
D. Joanna Forjaz Pereira e marido, 6.os Condes da Feira (1620) 99
D. João Forjaz Pereira Pimentel, 7.º Conde da Feira . . . 100
D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel de Menezes e Silva, 8.º Conde da Feira e ultimo da sua linha 101
Descendencia do 8.º Conde, D. Fernando. 102
Litigio sobre a successão na Casa da Feira. 103
D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, 9.º Conde da Feira (1820). 104
Ascendencia do 9.º Conde, D. Miguel Pereira 106
D. Antonio José de Almada e Lencastre (Souto d'El-rei), representante do 9.º Conde em 1917 108
Schema genealogico indicativo do parentesco das pessoas n'elle mencionadas com o 9.º Conde da Feira. 111
Contas da «Commissão de Vigilancia» 113

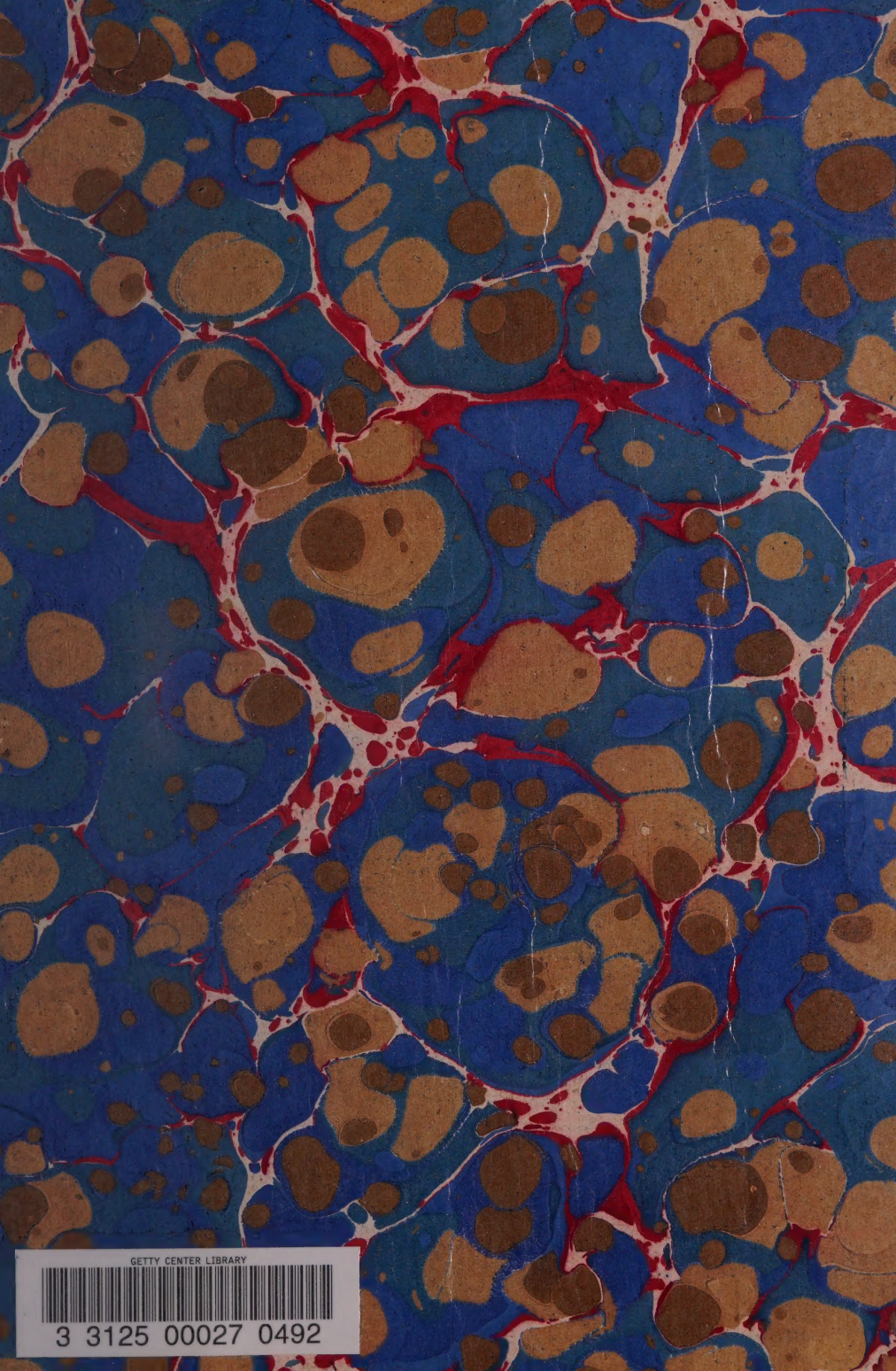
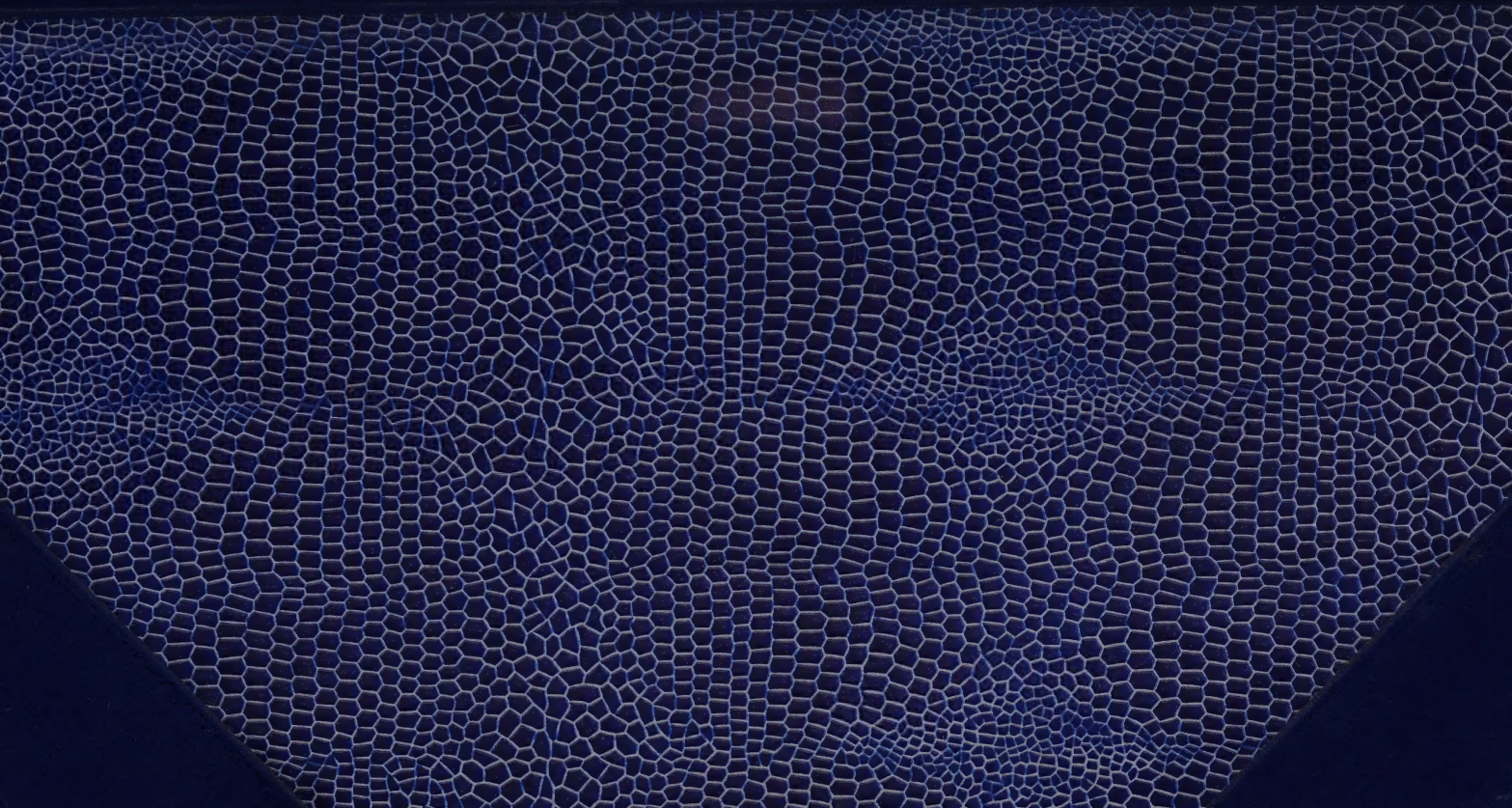
COLLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Ex-libris do auctor. 5
Vista da Feira, do Convento ao Castello. 6
Um cubello da torre de menagem 11
Trecho da Barbacã 12
Poterna 14
Fonte brazonada. 16
Tumulos. 17
Arcaria do Paço dos Condes 18
Torre de menagem 22
Oratorio (?). 25
Siglas e caracteres gravados nas pedras 26
Portão do Paço dos Condes 39
Ara romana, arco no poço e ruina provavel do Castello em 1448 48
Porta da Villa. 54

PAG.
Capella, casa do capellão e Porta da Villa 60
Vista de muralhas e de um cubello da torre de menagem . 66
Adaga apparecida perto do Castello 69
Um cubello da torre de menagem visto do eirado. 77
Gracioso conjuncto de muralhas que se disfructa de um pequeno cubello. 86
Brazão d'armas do 4.º Conde da Feira (1567) 92
Urna na egreja matriz onde se encontra a ossada que se julga ser do 5.º Conde da Feira, D. João Pereira. . . . 98
Brazão dos Condes da Feira, segundo um codice de 1631 . . 99
Brazão d'armas no portão do Paço dos Condes. 102
Ex-libris do 9.º Conde da Feira 104

OQVOARTOCODEDAFR
DÕDIFROIAZPMADOVFA
ZERESTAEORELOGIODA
QVELATORENAERADEIS67

91-B3506


GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00027 0492